

CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Felicidade e Célio Sarmento da Silva -CONDIR NORTE

Jane e José Domingos Liuth- CONDIR SUDESTE

Lenir e Silvano Barbosa de Souza - CONDIR SUL

Maria do Rosário e Felipe de Castro Figueiredo - CONDIR NORDESTE

Zilda e Dorvalino Marcon - CONDIR CENTRO-OESTE

Rosana e Rubens Carvalho - COORDENAÇÃO NACIONAL

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Gabryel Oliveira de Souza

Jorge Antônio Soares Leão, Lucilea do Socorro Souza Costa, Kleber José Oliveira Rodrigues, Maria Sebastiana Soares Leão

Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Aírton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)

Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)

Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

Biografias que marcaram a Humanidade

Irmã Dorothy Stang (1931 – 2005) - 4

Jorge Leão

O nicho da morada

Leda Miranda Huhne - 7

Seção Saúde do Corpo e da Alma...- 8

Novo Normal" ? - 13

Jorge Leão

Perguntas de um trabalhador que lê - 16

Bertolt Brecht

Contribuições de integrantes do MFC Brasil- 17

Memórias dos 65 anos do MFC no Brasil – 23

Nilton dos Anjos

Aos índios de Roraima - 27

Dom Pedro Casaldáliga

Não te neguei - 29

Dom Pedro Casaldáliga

Resumos de livros - 30

Reflexões com a 7ª arte - 32

Quando uma sociedade lamenta mais a perda do dinheiro Do que a perda de vidas humanas, ela não precisa de Vírus. Já está doente - 36

Izaac Donizete de Freitas

Recensões - 37

Alino Lorenzon

Os filósofos - 41

Khalil Gibran

Deus anônimo - 43

Leonardo Boff

O amor como atitude - 44

Henrique Vieira

O homem das mãos atadas
revolucionária - 48

O cântico da terra - 50

Cora Coralina

O que nos cativa? - 51

Vanderlei Soela

Estabelecendo novos rituais - 53

Conceição Trucom

Madrugada camponesa - 55

Thiago de Mello

Ideias para adiar o fim do mundo - 56

Aílton Krenak

O pão de cada dia - 58

Thiago de Mello

Poema do Padre Arnaldo para XIV ENA - 59

Pe. Arnaldo Lima Dias

Pedro, profeta do Araguaia... 60

Jorge Leão

A fé e sua dimensão política - 63

Leonardo Boff.

IRMÃ DOROTHY STANG (1931 – 2005)

Irmã Dorothy Mae Stang nasceu na cidade de Dayton, no estado de Ohio (EUA), no dia 7 de julho de 1931. Aos dezenove anos, entra na vida religiosa, realizando seus votos em 1956, na Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur. Dez anos depois, veio para o Brasil, na cidade de Coroatá, no Maranhão. Na década de 1970, desenvolveu sua atividade pastoral junto aos trabalhadores rurais da região do Rio Xingu. Eram três os focos principais de sua ação missionária: geração de emprego e renda para a população ribeirinha, reflorestamento em áreas degradadas e a superação dos conflitos fundiários na região. Esses foram os principais motivos da perseguição que Irmã Dorothy sofreu por parte dos grandes latifundiários, madeireiros e grandes empresários que se fixaram na Amazônia para a famigerada exploração econômica.

Ela esteve sempre ligada aos movimentos sociais pela luta da Reforma Agrária e da proteção das comunidades tradicionais da floresta. A sua voz de denúncia profética encontrou eco através da



Comissão Pastoral da Terra (CPT) e na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), onde manteve constante interlocução sobre temas relacionados aos conflitos de terra na Amazônia.

Merece destaque a atuação de Dorothy na fundação da primeira escola de formação de professores na rodovia Transamazônica, que atravessa ao meio a cidade de Anapu, no estado do Pará, a quinhentos quilômetros da capital, Belém. A escola foi batizada pelo nome de Brasil Grande.

Várias foram as ameaças recebidas pela Irmã Dorothy com o intuito claro de intimidá-la. Contudo, sua fidelidade ao evangelho de Jesus sempre a impulsionava para dian-

te. Poucos dias antes de sua morte, ela declarou:

“Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar”.

No dia 12 de fevereiro, Dorothy trabalhava pelo projeto de implantação de Desenvolvimento Sustentável Esperança, em comunidades extrativistas da região, foi abordada por dois homens, que covardemente a assassinaram com seis tiros. Segundo testemunhas, ao ser abordada pela dupla, Dorothy mostrou sua bíblia, dizendo: “Eis a minha arma”.

Seu corpo está enterrado no município de Anapu, lugar que a missionária escolheu para defender os “mais pobres dos pobres”, como ela se referia quando para lá foi fixar residência.

A voz de Irmã Dorothy permanece viva, na caminhada dos povos originários da Amazônia, ameaçados pela ação devastadora da economia capitalista, representada pelo latifúndio e pelo agronegócio, cujo único propósito é a exploração dos recursos naturais, dizimando comunidades tradicionais de seus lugares de origem e levando à extinção milhares de hectares de terra e de espécies de fauna e flora.

Que a voz de Dorothy Stang nos inspire a continuar na luta pela salvaguarda dos povos da Amazônia e de sua inestimável grandeza socioambiental. Uma vida que se entregou à causa do Evangelho da vida, que opta pela defesa dos que são excluídos da dignidade de filhos e filhas amados de Deus.

Jorge Leão

Participante do Movimento Familiar Cristão, em São Luís e Professor de Filosofia do IFMA.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frase para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆



“Desperta na criança que está ao teu alcance a pessoa que você gostaria de ter para a vida toda.”

Ailton Krenak – liderança indígena do Rio Doce / Minas Gerais



Palavras de Sabedoria

DALAI LAMA

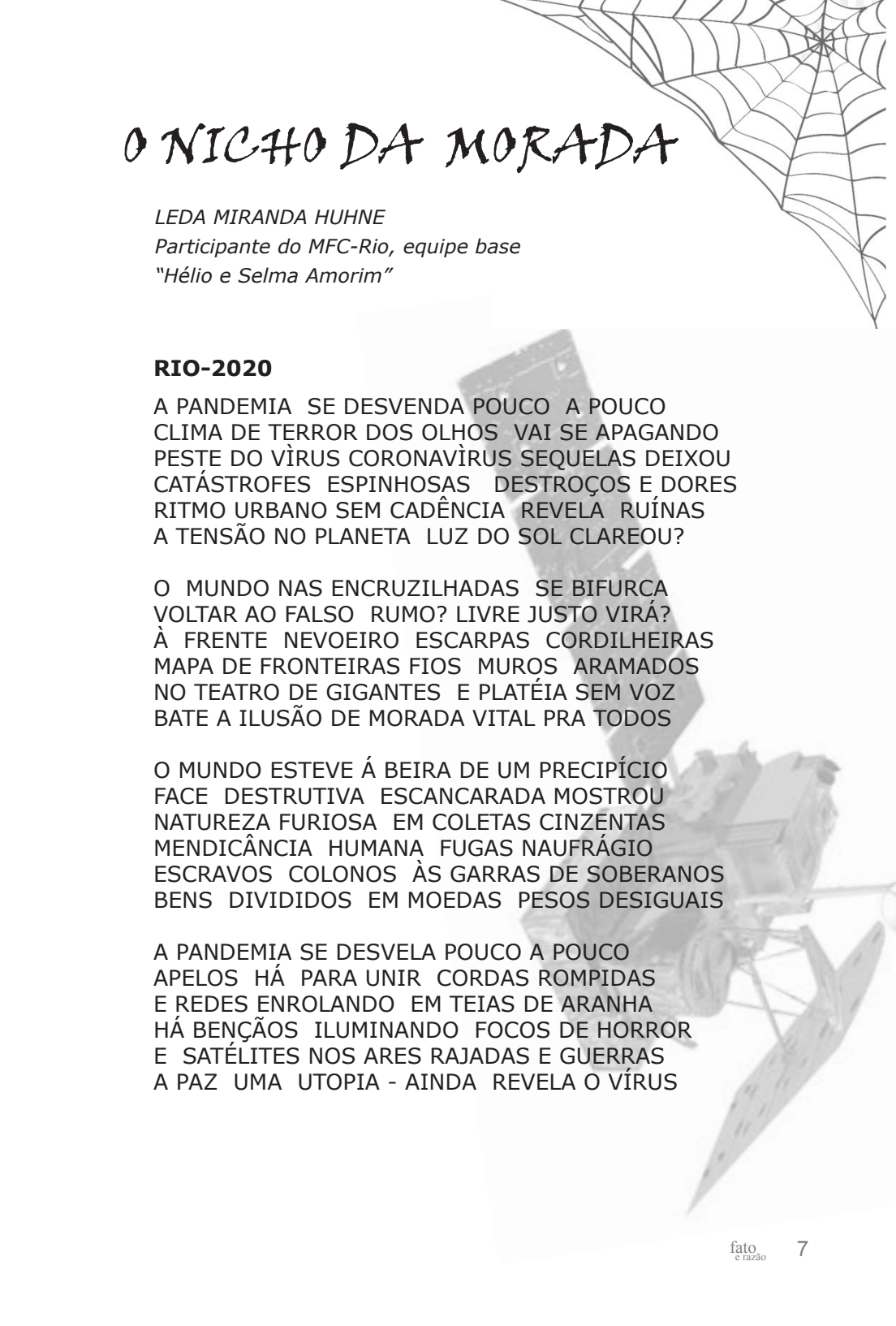
Comprometer-se com atividades virtuosas é um pouco como criar uma criança pequena. No começo, precisamos ser prudentes e habilidosos em nossas tentativas para transformar nossos hábitos e temperamentos. Também temos de ser realistas a respeito daquilo que esperamos conseguir. Levou muito tempo para ficarmos do jeito que somos e não se mudam hábitos do dia para a noite.

É bom olhar para cima à medida que se progride, mas é um engano julgar nosso comportamento utilizando o ideal como padrão. Por isso, é muito mais eficaz, em vez de alternar breves rompantes de esforço heroico com períodos de relaxamento, trabalhar com constância, como um rio em direção a um objetivo de transformação.

Fonte: DALAI LAMA.
Palavras de Sabedoria.
Compilado por Renuka.
Tradução: Maria Luíza
Silveira e Márcia
Cláudia Alves. Rio de
Janeiro: Sextante,
2001, p. 37 – 41.



O NICHÔ DA MORADA



LEDA MIRANDA HUHNE

Participante do MFC-Rio, equipe base

"Hélio e Selma Amorim"

RIO-2020

A PANDEMIA SE DESVENDA POUCO A POUCO
CLIMA DE TERROR DOS OLHOS VAI SE APAGANDO
PESTE DO VÍRUS CORONAVÍRUS SEQUELAS DEIXOU
CATÁSTROFES ESPINHOSAS DESTROÇOS E DORES
RITMO URBANO SEM CADÊNCIA REVELA RUÍNAS
A TENSÃO NO PLANETA LUZ DO SOL CLAREOU?

O MUNDO NAS ENCRUZILHADAS SE BIFURCA
VOLTAR AO FALSO RUMO? LIVRE JUSTO VIRÁ?
À FRENTE NEVOEIRO ESCARPAS CORDILHEIRAS
MAPA DE FRONTEIRAS FIOS MUROS ARAMADOS
NO TEATRO DE GIGANTES E PLATÉIA SEM VOZ
BATE A ILUSÃO DE MORADA VITAL PRA TODOS

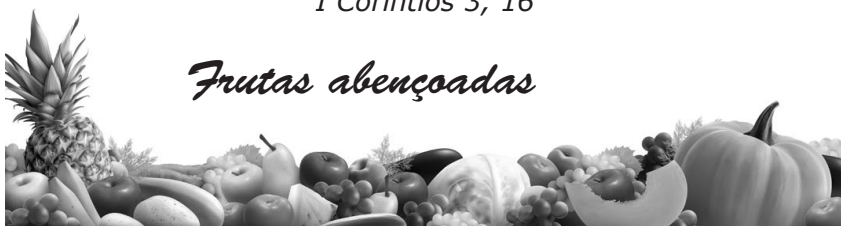
O MUNDO ESTEVE Á BEIRA DE UM PRECIPÍCIO
FACE DESTRUTIVA ESCANCARADA MOSTROU
NATUREZA FURIOSA EM COLETAS CINZENTAS
MENDICÂNCIA HUMANA FUGAS NAUFRÁGIO
ESCRAVOS COLONOS ÀS GARRAS DE SOBERANOS
BENS DIVIDIDOS EM MOEDAS PESOS DESIGUAIS

A PANDEMIA SE DESVELA POUCO A POUCO
APELOS HÁ PARA UNIR CORDAS ROMPIDAS
E REDES ENROLANDO EM TEIAS DE ARANHA
HÁ BENÇÃOS ILUMINANDO FOCOS DE HORROR
E SATÉLITES NOS ARES RAJADAS E GUERRAS
A PAZ UMA UTOPIA - AINDA REVELA O VÍRUS

Seção Saúde do Corpo e da Alma...

"Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?"

I Coríntios 3, 16



Frutas abençoadas

Frutas, sim!

É consenso que as frutas fazem bem à saúde. Mas quais são as suas propriedades individuais? Existem restrições ao seu consumo? Qual a porção recomendada para consumir em um dia?

Saiba que a palavra de ordem no que diz respeito a estes alimentos é variar! O ideal é que sejam ingeridas três unidades diferentes, ou porções, dependendo da fruta, diariamente.

Vale ainda ressaltar que a coloração desses alimentos deve ser diferenciada. É que

ela determina os nutrientes presentes em cada um deles. Como exemplo, temos as frutas:

Vermelhas: ricas em licopeno e vitamina C;

Amarelas e alaranjadas: fontes de betacaroteno e vitamina C;

Roxas e pretas: com boas quantidades de vitamina B1;

Verdes: compostas por clorofila, fibras e ferro;

Branças: fornecedoras de carboidrato, cálcio e fósforo.

Marrons: fontes de fibras.



BANANA: é uma fruta ótima para quem pratica exercícios físicos, pois fornece energia imediata, protege os ossos e, por conter grande quantidade de potássio, fortalece os músculos e previne as câibras. É rica em fibras solúveis, que saciam a fome, regulam o intestino e auxiliam na redução do colesterol ruim (LDL) no sangue.



MELANCIA: cerca de 90% da melancia é composto de água estruturante, por isso, seu consumo é indicado principalmente em dias quentes, quando o organismo precisa de hidratação. Mas essa fruta ainda atua como diurética (eliminando toxinas do sangue) e como laxante (combatendo a prisão de ventre). A melancia é recomendada em casos de insuficiência renal e infecções urinárias. O licopeno, presente em sua composição e responsável pela cor vermelha de alguns alimentos (goiaba, tomate, morango), ajuda na prevenção do câncer de próstata. O chá feito das sementes da melancia previne a pressão alta e a impotência sexual. Para prepará-lo, misture uma colher (sopa) de sementes frescas de melancia com uma xícara (chá) de água fervente. Coe e tome. Para cálculo renal, bata duas fatias de melancia sem casca e sem sementes. Beba um copo grande (300ml) a cada três horas durante três dias consecutivos. Interrompa por quatro dias e volte a tomar. Para desintoxicar o organismo, comer uma fatia média de melancia, no café da manhã, três vezes por semana.



ABACAXI: a boa quantidade de fibras e a capacidade diurética fazem do abacaxi um importante aliado em casos de prisão de ventre e retenção de líquidos. Além disso, possui uma importante enzima, a bromelina, com diversas ações no organismo, como a melhoria na digestão, e que se concentra na parte central da fruta, aquela que, muitas vezes, as pessoas descartam. O abacaxi ainda fornece vitaminas A e C, cálcio, potássio, ferro e fósforo, que reforçam as defesas do organismo. O grande destaque desta fruta, a bromelina, é uma enzima com ação digestiva, anti-inflamatória e expectorante. Por isso o abacaxi é tão eficaz para acabar com a sensação de peso no estômago e tosse com muco.



AÇAÍ: essa fruta amazônica fortalece os músculos, combate anemia e reduz os níveis de colesterol na corrente sanguínea, prevenindo, desta forma, o risco de doenças cardiovasculares. Apreciada por atletas, também age como energético natural, amenizando estresse físico e mental. Uma receita energizante: bata no liquidificador, dez colheres (sopa) de polpa de açaí, uma colher de sopa de mel, uma colher (sopa) de xarope de guaraná e ½ litro de água. Beba dois copos por dia.



MAMÃO: como outras frutas e vegetais de tons amarelo e laranja, o mamão é fonte de betacaroteno, substância que auxilia na prevenção de alguns tipos de câncer, como o de cólon. É recomendado em casos de problemas digestivos (gastrite, prisão de ventre, digestão pesada), tem ação vermífuga contra os parasitas intestinais e auxilia no tratamento de afecções da pele, como eczemas e acne. Uma receita para melhorar a digestão: bata no liquidificador uma fatia de mamão papaia sem sementes, uma xícara (chá) de água filtrada e uma colher (sopa) de sementes de linhaça. Coe, adoce com mel a gosto e tome uma vez por dia.

Fonte: Revista: Farmácia em casa extra. São Paulo: Alto Astral Editora, Ano 3, n.5, 2009.

Bebidas para o Metabolismo

DIABETES – 1

INSULINA TROPICAL – A universidade de Mizan-Tepi, da Etiópia, descobriu que o abacate se comporta com um estimulante da secreção de insulina nas células beta do pâncreas, fato que o torna apropriado para a alimentação dos diabéticos. O efeito do abacate sobre a glicose aumenta quando é usado em conjunto com a manga, que, apesar de conter uma certa quantidade de glicose natural, reduz seu nível no sangue quando esta se apresenta elevada em indivíduos obesos. Combinados, o abacate e a manga, com as amêndoas e a canela nesse delicioso shake, se convertem numa bebida ideal para os diabéticos que desejam reduzir sua necessidade de medicamentos ou de insulina. Caso esse shake Insulina tropical for utilizado de forma contí-

nua, convém fazer o controle da glicemia para reajustar os medicamentos antidiabéticos, caso seja necessário.

INGREDIENTES – para quatro porções de 250ml

- Uma manga de tamanho médio (cerca de 340g)
- Duas xícaras de leite de amêndoa (480ml).
- Um abacate médio (cerca de 200g)
- Duas colheres (chá) de canela em pó (cerca de 5g)

PREPARO:

1. Descascar e tirar os caroços da manga e do abacate.
2. Colocar todos os ingredientes no liquidificador.
3. Bater até obter uma consistência homogênea.
4. Como opção, adoçar com um adoçante não calórico como a estévia, com cerca de quatro gotas de extrato líquido por copo.



DIABETES – 2

VERDE ANTIDIABÉTICO



– um amplo estudo realizado na Holanda demonstrou que a vitamina K é muito eficaz na prevenção do diabetes. Ao aumentar a sensibilidade à insulina, a vitamina K reduz as necessidades desse hormônio e permite um melhor controle do nível de glicose no sangue. Todas as folhas verdes são ricas em vitamina K, especialmente a couve, o repolho e o espinafre. O brócolis, o agrião e a chicória (ou escarola) também se apresentam como fontes abundantes de vitamina K. O valor diário recomendado de vitamina K é de 120µg diários.

DIABETES – 3

Há certas plantas e alimentos capazes de diminuir o nível de glicose no sangue. Pesquisas realizadas nos últimos anos têm confirmado a capacidade que várias plantas possuem para diminuir o nível de glicose no sangue (ação hipoglicêmica) em casos de diabetes, tanto do tipo 1 (juvenil) quanto do tipo 2 (adulto). Dentre elas, a patata-de-vaca (*Bauhinia forticata*) e a canela (*Cinnamomum zeylanicum*). Essas funções permitem reduzir as necessidades de insulina ou de medicamentos antidiabéticos, e

Uma porção desse suco fornece quase 500µg de vitamina K, o que assegura seu efeito protetor contra o diabetes.

INGREDIENTES: para uma porção de 250ml

- Uma xícara de couve sem o talo picada, ou repolho ou acelga (cerca de 67g, equivalente a duas folhas de tamanho médio)
- Uma xícara de espinafre (cerca de 30g)
- Um ramo de brócolis (cerca de 30g)
- Uma maçã (com casca) de tamanho médio (cerca de 182g). Obs.: tirar as sementes.
- Duas colheres (sopa) de suco de limão.

Preparo:

1. Passar todos os ingredientes pela centrífuga.
2. Adicionar o suco de limão.

por isso é necessário controlar a glicemia após seu uso.



INFUSÃO DE CANELA

– a canela é muito mais do que uma especiaria aromática. Suas muitas propriedades medicinais, além de seu sabor agradável, a tornam recomendável em caso de diabetes.

Preparo:

1. Colocar para ferver uma xícara de água.
2. Quando a água estiver fervendo, adicionar uma ou

duas lascas de canela em pau, ou meia a uma colher (chá) de canela em pó, e deixar ferver por dois minutos.

3. Apagar o fogo e deixar em repouso durante uns dois minutos.

4. Depois de coar, adicionar umas gotas de suco de limão.

5. Tomar de duas a três xícaras por dia.



INFUSÃO DE PATA-DE-VACA – a pata-de- vaca (Bauhi- nia forficata) é

uma árvore típica da Argentina, Paraguai e Brasil, com flores brancas chamativas. Ela é chamada de “insulina vegetal” por sua capacidade

de estimular a secreção de insulina no pâncreas. A parte medicinal são as folhas, que podem ser empregadas contra o diabetes.

Preparo:

1. Colocar um punhado de folhas secas (cerca de 20g) em um litro de água fervendo e deixar em repouso por alguns minutos.

2. Tomar de duas a três xícaras por dia.

Fonte: Dr. Jorge Pamplona: O poder medicinal dos sucos e shakes –bebidas saudáveis par fortalecer seu corpo. Tradução Wilson F. Almeida. Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016, p. 172 – 177.

~~~~~Frases para reflexão:~~~~~

“Espiritualidade é se sentir grão de areia e, mesmo assim, ou, justamente por isso, descobrir amor-próprio. É saber descentralizar, compartilhar o tempo, ser indivíduo na comunhão. É saber perder, se perder e se encontrar. É despossuir a vida, exatamente para tê-la mais inteira, ou se perceber menor para, assim, ser maior. É sentir-se parte de tudo que existe, numa ligação íntima com a humanidade e o restante da natureza.”

Pr. Henrique Vieira: O Amor como Revolução, p. 52.





“Novo Normal” ?...

O que a pandemia pode nos oferecer como lição?... Há lições possíveis nesse quadro estarrecedor de descaso institucional pela vida? No Brasil, vemos a pressão capitalista ganhar força... “A economia não pode parar”, aponta friamente o discurso hegemônico das bolsas de valores, que coloca os lucros dos bancos na frente da vida de milhares de pessoas...

Que “normalidade” será essa, à custa de milhares de vidas perdidas? Que corrida aos mercados de consumo é essa, que torna “invisível” a dor e o sofrimento de milhares de vidas ceifadas pela pandemia, considerada pelo atual presidente brasileiro, em rede nacional, como uma simples “gripezinha”?...

O descaso do governo federal e a logística da dita “normalidade” social são sintomas de um pensamento negacionista da ciência e indiferente ao sofrimento alheio, sobretudo àquelas famílias que não podem cumprir o isolamento social, único instrumento eficaz, por hora, diante da pandemia...

Milhares de pessoas em festas, praias, schoppings, buscando aliviar o incômodo de permanecer em suas casas, à procura da satisfação do consumo e de prazeres momentâneos. O que nos causa espanto é o quanto de nossa fragilidade emocional pode valer-se num momento de crise para expor suas lacunas. O quanto de nossa apatia social, agora desvelada

pela crise humanitária em que nos encontramos, pode revelar o que somos...

O “novo normal” é o retorno a que modelo de sociedade? A que projeto de humanidade? A pandemia revela o absurdo e evidente assombro da estrutura social instalada pela violência brutal das desigualdades históricas em que foi estruturada a sociedade brasileira. Quanto tempo de dor ainda pode ser evitado, caso não seja reconhecido que não podemos voltar ao “normal” da indiferença à fome, à miséria, ao “normal” da busca desenfreada do lucro e da degradação ambiental?...

Em um país profundamente marcado pela desigualdade social e racismo estrutural, a pandemia trouxe, segundo o médico neurocientista Miguel Nicolelis, três evidentes fragilidades de nosso sistema político e econômico: 1) exposição das fragilidades do modelo humano civilizatório; 2) os serviços de saúde pública são essenciais; e 3) trouxe a urgência da ciência para o centro do problema. Vê-se que Nicolelis vai aos pontos chave do que vivemos no atual cenário vivido no Brasil. Um cientista que se coloca na linha de frente da pesquisa científica para apontar caminhos concretos para o bem estar da coletividade.

Os jornais mostram números cada vez mais crescentes de óbitos. Números que estampam a incompetência e a crueldade de um governo sem qualquer projeto de sustentabilidade da vida, sobretudo nas comunidades periféricas, dos povos indígenas, das terras de quilombo, dos moradores de rua. Enfim, dos excluídos de nossa sociedade. O que vemos, ao contrário, é o aumento dos lucros dos grandes grupos ligados à economia de mercado e à violência aos irmãos indígenas de modo assombroso, e a todos os empobrecidos nas comunidades das periferias das cidades brasileiras.

Em tempos de pandemia, um pequeno número de empresários está cada vez mais rico. Quanta frieza! Quanta tortura! Quanta tragédia anunciada... desde os tempos do Brasil Colônia, a mesma constatação. Quanta “normalidade”...

No Brasil, já ultrapassamos até o presente dia, 10 de agosto de 2020, mais de cem mil vidas ceifadas. E, certamente, milhares dessas vidas poderiam ter sido poupadas, caso tivéssemos uma política estratégica de preservação e cuidado com a vida, assumida pela responsabilidade do Estado brasileiro em salvaguardar o seu maior patrimônio: o seu povo!

Não podemos e não devemos voltar ao “normal”. Aos inúmeros “normais” que nos constituíram enquanto sociedade. O “normal” do racismo estrutural. O “normal” da miséria e da fome de milhares de pessoas Brasil afora. O “normal” da desigualdade social. O “normal” do “cada um por si” e do “salve-se quem for mais esperto e astuto”. Basta de ser “normal”!

Precisamos de uma atitude revolucionária nesse momento. Para dizer “não” a tantos “normais” que nos perfazem enquanto sociedade. Em me-

mória de tantos brasileiros e brasileiras que partiram, deixando saudades e dor em tantas famílias, precisamos dizer “não” ao desejo de voltar ao “normal”, caso contrário, permitiremos espaços suficientes para a atuação perversa da “normalidade”, até então admitida como mola propulsora do que chamamos deshumanidade.

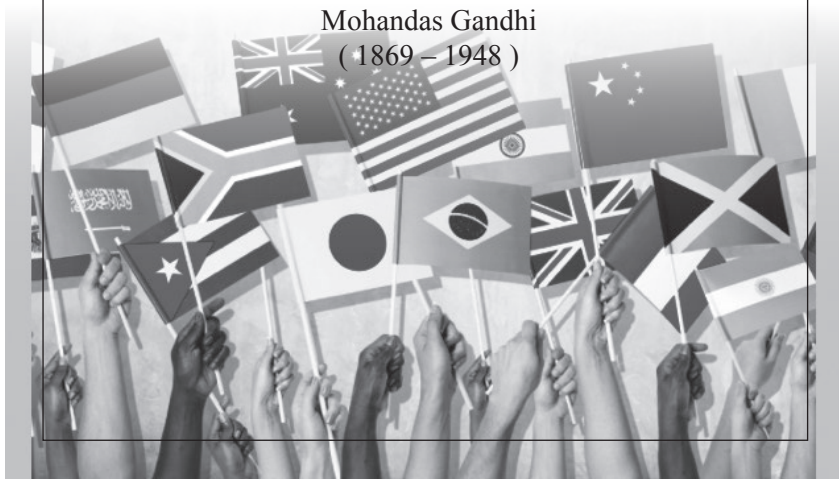
*Jorge Leão é Professor de
Filosofia do Campus São
Luís Monte Castelo.*

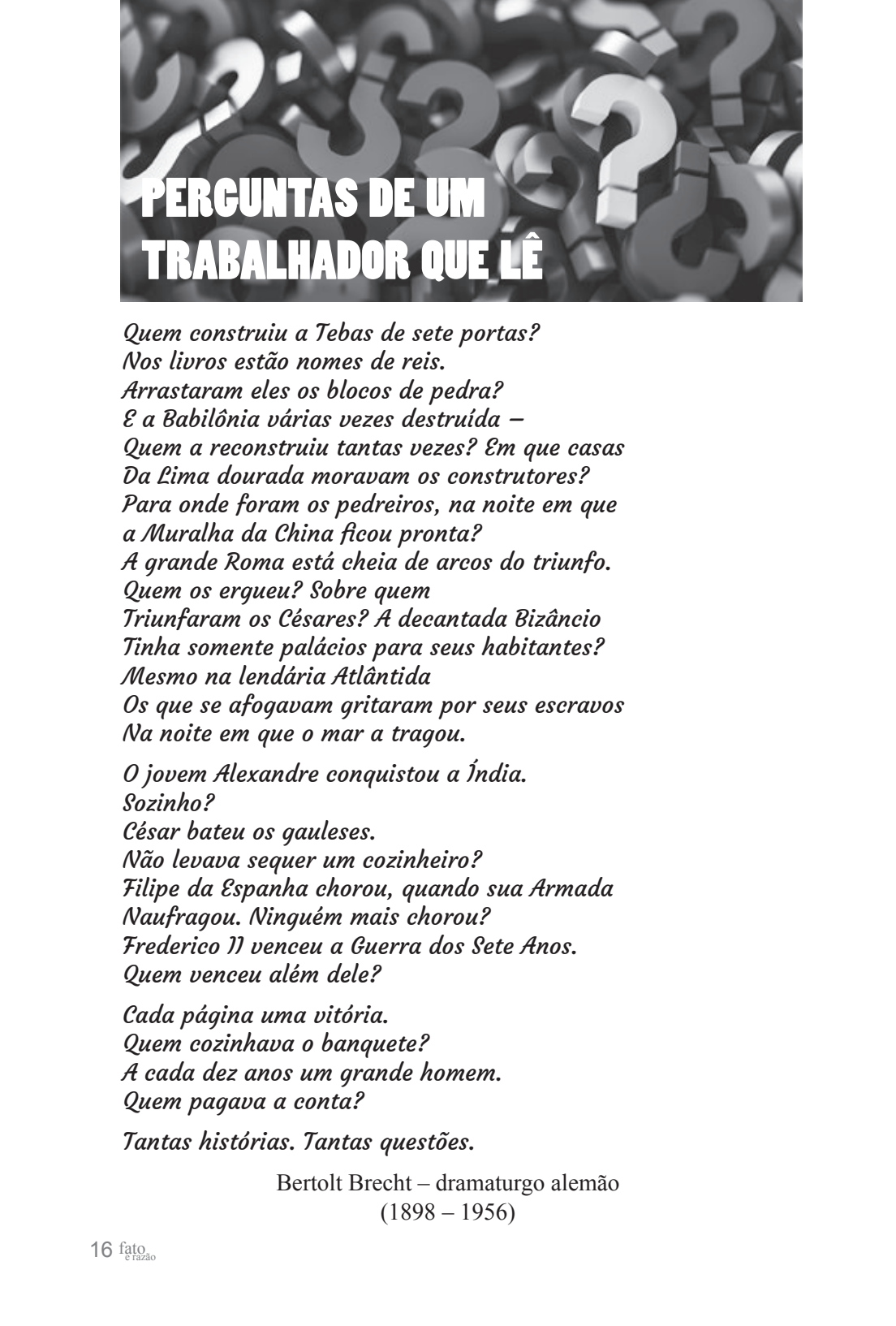
*Participante do MFC
em São Luís / MA.*

~~~~~*Frase para reflexão:*~~~~~

***“Não quero que minha casa seja cercada por muros de todos os lados e que as minhas janelas estejam tapadas. Quero que as culturas de todos os povos andem pela minha casa com o máximo de liberdade possível.”***

Mohandas Gandhi  
( 1869 – 1948 )





# PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

*Quem construiu a Tebas de sete portas?  
Nos livros estão nomes de reis.  
Arrastaram eles os blocos de pedra?  
E a Babilônia várias vezes destruída –  
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas  
Da Lima dourada moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros, na noite em que  
a Muralha da China ficou pronta?  
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.  
Quem os ergueu? Sobre quem  
Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio  
Tinha somente palácios para seus habitantes?  
Mesmo na lendária Atlântida  
Os que se afogavam gritaram por seus escravos  
Na noite em que o mar a tragou.  
O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Sozinho?  
César bateu os gauleses.  
Não levava sequer um cozinheiro?  
Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada  
Naufragou. Ninguém mais chorou?  
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
Quem venceu além dele?  
Cada página uma vitória.  
Quem cozinhava o banquete?  
A cada dez anos um grande homem.  
Quem pagava a conta?  
Tantas histórias. Tantas questões.*

Bertolt Brecht – dramaturgo alemão  
(1898 – 1956)

# Contribuições de integrantes do MFC Brasil

## in memoriam



**"G**anhou prestígio a frase conhecida: "em vez de dar um peixe, ensinar a pescar". Parece uma afirmação razoável mas não é. Porque há urgências a atender. A quem está morrendo de fome é preciso dar correndo o alimento de que precisa.

Quem está doente precisa já de tratamento e remédios. É dar mesmo o peixe. Mais tarde, saciada a fome, curada a doença, vencido o problema urgente, sim, é hora de dar o anzol e ensinar a pescar. São passos sequenciais para levar pessoas a passarem de condições desumanas para condições humanas de vida, passos, portanto, para a humanização."

*Hélio Amorim: "Descomplicando a fé", p. 43.*

## O perfume de Selma e Hélio Amorim

Solange e Airton  
MFC – Rio de Janeiro

**N**esses 65 anos de MFC não podemos esquecer do perfume de Selma e Hélio Amorim. Não um perfume que sai ao lavarmos as mãos. Mas um perfume permanente em nossas lembranças cada vez que sentimos de nos aproximar de um MFC que busca a humanização e justiça para todos.

Ao reviver a história do MFC e quando lemos os números antigos da revista "Fato e Razão", vem logo em mente o quanto Selma e Hélio contribuíram para nos-



sa formação. Muitos textos maravilhosos! E, ao revisitar cada um deles, constatamos em nossas memórias que não somente os artigos escritos por eles, mas dos textos vividos e partilhados no cotidiano de suas vidas no MFC fazem parte da mística do nosso movimento. Textos sempre profundos, com uma

reflexão atualizada e cheia de argumentos que nos servem hoje como aprofundamento em nossas reuniões de nossas equipes base.

Ao remexer em algumas edições da revista citada, nos deparamos com a edição 43, de agosto de 2000, na qual Selma e Hélio publicaram um artigo sob o título de "Desafios às famílias num futuro presente". Nesse texto, extraído de seu significativo livro "Descomplicando a Fé", editado pela Paulus, eles chamam a atenção para a função não sistemática, mas de suma importância, da família ser transmissora da fé e de valores éticos através do exemplo de vida com práticas concretas no cotidiano da vida familiar e fora dela. Isso porque, como eles lembram, "Num mundo secularizado, as questões relacionadas com a fé e suas expressões religiosas tendem a ficar ausentes nesse intercâmbio cotidiano de ideias." (p.30). Parece que esse texto foi feito para os desafios de hoje.

Eles trazem a reflexão da nossa catequese familiar e da participação em movimentos de igreja que muitas vezes ignoram o diálogo entre fé e vida. Ou não leva em conta o mundo no qual os nossos filhos estão inseridos. Com isso, muitos separam as expressões



de fé do que tem significado para os filhos. Ou seja, separam o mundo da fé do que é vivido cotidianamente.

Nesse texto, ao qual nos referimos, eles afirmam que essa tarefa não é fácil e que o progresso técnico e científico vai, naturalmente, distanciar do que o cristianismo tanto apreendeu em toda a sua existência. Isso porque não fazem uma atualização dos contextos e da importância de práticas concretas de seus pais na vida familiar e social para que o evangelho seja entendido pelos filhos nos dias de hoje com os avanços científicos e técnicos.

Isso porque sabemos que, em tempos onde a ciência e a técnica não possuem todas as respostas, os filhos mais do que nunca necessitam entender a comunicação da fé "na linguagem do nosso tempo,

não só na família, mas no âmbito mais universal da vida da Igreja.” (p.32).

Selma e Hélio chamam a atenção para o respeito ao pluralismo religioso e cuidado de não passar uma visão deformada do Deus da Bíblia. O cuidado de não passar um Deus que nos castiga, um Deus quebra-galho ou cheio de magia, ou, ainda, um Deus mercador. Esse casal que dedicou sua vida ao MFC apresenta-nos um Deus que chama a atenção para a construção do Reino no aqui e agora do nosso dia a dia. Assim, eles afirmam que “isso se faz através da prática concreta da justiça, do amor, da solidariedade e partilha, do respeito absoluto à dignidade da pessoa humana, da superação de total exclusão e discriminação social.” (p.33)

A cada palavra, a cada argumento, a cada frase é como se Selma e Hélio, com suas falas firmes e suaves, nos chamassem a atenção do “compreender que fé e vida estão inseparáveis. Que a fé supõe compromisso social e político com a humanização de todos os homens, na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. (p.34).

A brandura de suas palavras para proferir uma questão tão séria e cheia do Vatica-

no II e de decisões de Puebla, que hoje o Papa Francisco retoma no contexto atual em suas encíclicas, nos faz pensar o quanto esse casal nos faz falta para continuarmos essa busca incessante de tessitura do Reino. Desse modo não podemos deixar de entender a família como “Promotora do bem comum. Isso porque “na família, a consciência desse compromisso de fé com o bem comum pode e deve ser alimentada, e não sufocada pelo medo dos riscos que envolve. Nem alienada pelos apelos ao conformismo, tão poderoso no modelo de sociedade em que vivemos. A família e o MFC (...) é um espaço muito apropriado para animar seus membros e formá-los para as tarefas orientadas para o bem comum.”(p.35).

Esse compromisso, muito vivido concretamente por Selma e Hélio, corresponde o “SER CRISTÃO”. No entanto, Selma e Hélio também sinalizaram, no artigo, que muitos “não-cristãos” também estão empenhados nessa missão humanizadora” E, lembram : “(...) que a grande diferença é que os cristãos sabem que o projeto humanizador de Deus ultrapassa o sócio-político para se projetar na eternidade.” Ou seja, ainda hoje, Selma e Hélio estão empenhados no projeto humanizador de Deus na eternidade também.

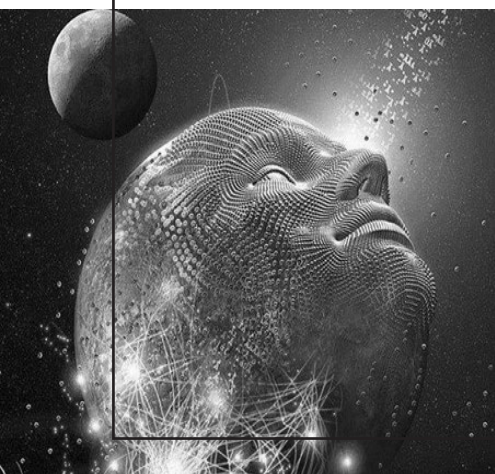
Assim, pensar nos desafios das famílias nos dias de hoje e refletir sobre os impedimentos de vivenciar com tranquilidade o projeto humanizador de Deus, não cabe ceder aos mecanismos ou ingresso “de intimidação, e censura, de manifestar suas ideias e de agir” (...) “porque Jesus também passou por essa experiência e não cedeu.” (p.36).

Desse modo, lembrar de Selma e Hélio ou ler seus textos não é fácil! Porque eles nos remetem à provocadora tarefa de não infantilizar a fé. De aprofundar

essa mesma fé em nossas famílias e no MFC. Soma-se a isso a mais complexa das tarefas: de nossos filhos demonstrarem interesse no mundo com a consciência de responsabilidade de ajudar na tessitura de uma cidade e um país mais justo como nos ensina o evangelho de Jesus Cristo. A beleza dessa ação nos levará até aos jardins do Reino de Deus.

Fica, assim, o cheiro de perfume que Selma e Hélio nos deixaram. Perfume das flores que oferecem as experiências positivas nessa tarefa de pais sensíveis e famílias de fé.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



*“Somos parte de uma grande teia que abrange o Universo. Cada pensamento, cada fala, cada gesto afeta a nós mesmos e ao todo. Interagir é agir com consciência, sabendo que tudo e todos são importantes. Viver amorosamente é viver em harmonia. É se dar e receber. Em nome de todos.”*

Oráculo do Pão



## PRECE ECUMÊNICA

Sê generoso na prosperidade e grato no infortúnio...

Sê digno da confiança de teu próximo e dirige-lhe um olhar afetuoso e acolhedor...

Sê um tesouro para o pobre, advertência ao rico, resposta ao clamor do necessitado...

Guarda fiel à santidade de tua promessa...

Sê reto no teu julgamento e discreto nas tuas palavras...

Com ninguém sejas injusto e a todos mostrai brandura...

Sê como uma lâmpada para os que caminham nas trevas, alegria para o triste, água para o sedento, refúgio ao abatido, sustentáculo e defesa da vítima da opressão...

Integridade e retidão sejam a divisa de todos os teus atos. Sê lar para o forasteiro, bálsamo para o sofredor, fortaleza para o perseguido. Sê óleos para os cegos e farol para os pés dos des-caminhados...

Na face da verdade, sê adorno...

Coroa, na frente da fidelidade, coluna no templo da retidão. Sopro de vida no corpo da humanidade, emblema dos que buscam a justiça...

Estrela no horizonte da virtude, orvalho no solo do coração, arca no oceano do conhecimento...

Sol no céu da generosidade, joia no diadema da sabedoria, luz radiante no firmamento de tua geração, fruto da árvore da humanidade.

**Bahá 'u' Iláh (1817 – 1892)**  
(místico iraniano)

# PRECE DE KABIR (místico hindu islâmico)

Como o azul reside no céu, o Maior em ti mesmo habita...

Oh, servo, põe o orgulho de lado e procura-O em teu interior, pois, quando te sentas em silêncio, fluem em ti rios diamantinos, que lavam tua dor, tuas manchas e refrescam tua febre de vida...

Aquieta-te e poderás escutar os sinos que soam sem serem tocadas.

Aquieta-te e sentirás a carícia da chuva que se derrama em batismo sem água o tempo todo.

Abençoados somos todos nós quando cantamos o canto do encontro das almas, o canto que varre a tristeza, o canto que transcende o ir e o vir.



## PARA REFLEXÃO

*“O oposto da Esperança é o desencanto, o desalento, que gera depressão, sofrimento, perda de sentido de vida... E esse sentimento é reacionário, desmobilizador, paralisante... O contrário disso é uma energia que temos dentro, que eu chamo “vírus do bem”, e aí você contagia quem está próximo de você. Então, eu digo que a Esperança é revolucionária, é o sentimento contagiante, que gera força, organização, vontade coletiva, e isso é ação em movimento, e movimento muda.”*

**Luíza Erundina**





# MEMÓRIAS DOS 65 ANOS DO MFC NO BRASIL

*Narrativa de um Jovem na brevidade do tempo ...*

Nilton dos Anjos



**I**sto não pas-sará de um breve relato que se preten-de, tal qual lu-vas nas mãos em forma de sobrepele, en-caixar na brevidade do tem-po. Recordo até hoje uma máxima que meus pais divul-gavam enquanto parti-ciparam e coordenaram o Movimento Familiar Cristão no início da década de 80: "o grupo base é a base". E eis que esse grupo base era constituído não por ca-

sais, mas por famílias. Salvo engano, as crianças e jovens não eram proibidas de participarem direta-mente das conversas que os pais tinham no momento da reunião. Contudo, tal parti-cipação era relativamente opcional, no sentido de que os mais novos poderiam fi-car na reunião, ou se prefe-rissem, criar interações em separado, de acordo com suas identificações etárias etc. Sendo o caçula de uma família de cinco, e como in-teragia suficientemente com meus irmãos, por vezes me acompanhava daqueles que eram mais novos que

eu, noutras ouvia as trocas entre os filhos mais velhos – que primos se consideravam, apesar de não consanguíneos –, e noutras tantas metia-me entre os adultos, geralmente, quando reunião já alcançava a parte final, muitas vezes no interesse de alertá-los que já estava próxima a hora do lanche. Salvo engano, essas reuniões ocorriam quinzenalmente, no período noturno de uma segunda-feira, havendo um rodízio entre as casas. Quando era nossa, certa afobação já tomava conta da casa no período da tarde, já que a casa precisava ser preparada para receber os outros componentes do grupo Jornada. Esta é a lembrança de minhas primeiras participações num movimento que eu não sabia direito do que tratava, mas que, de certo modo, refrigerava a família ao criar oportunidades de trocas.

Com o passar do tempo, e certamente como fruto daquela experiência inicial, passei a participar com meus pais de encontros no âmbito local com outros grupos base, particularmente, da Baixada Fluminense. Uma característica interessante era que se tratava de grupos de pessoas que estavam inseridas no que é chamado de classe média em sentido lato, já que havia pessoas com menor e com maior

poder aquisitivo, como também, com posições políticas mais ou menos progressistas. Também nesse aspecto era um Movimento que carregava muitas tensões, mas não perdia as tentativas de conciliação, contudo, sem esquecer-se da necessidade do conflito para o amadurecimento pessoal e coletivo.

A partir dos encontros locais, passei a participar de encontros estaduais e regionais, e posteriormente, tive minha primeira experiência num encontro nacional, em 1989, num ENA que se realizou em Campo Grande – MS. Neste encontro em particular, tive a oportunidade de conviver com outros jovens que estavam acompanhando seus pais ou responsáveis. Neste ENA os jovens começaram a se reunir de modo mais organizado, e em função disso foi formalizada a criação de uma secretaria de jovens do Movimento Familiar Cristão.

Mas, como parece que já na criação do que quer que seja, a disparidade também faz morada, surgiram a partir desta secretaria duas ênfases diversas: uma que pretendia afirmar a participação dos jovens de modo paralelo aos dos adultos, e outra, da qual eu era mais simpatizante, que objetivava inserir a participação dos jovens (ou filhos)

a partir do modo como eu havia aprendido anos atrás, qual seja, numa interação nos grupos bases, em que pais e filhos, adultos e jovens (incluindo aqui as crianças) pudessem ter uma troca efetivamente familiar. Para não constranger um processo que tinha sido recém iniciado, optamos, para garantir as conciliações, emprestar autonomia a estas duas estratégias, de acordo com a inclinação dos jovens que ficaram responsáveis pelas secretarias regionais de jovens. Assim, por três anos, tornei-me responsável pela secretaria de jovens do Conselho Regional Centro (CONDIR) - que abarcava naquele contexto os estados da região sudeste - quem possibilitou conhecer e fomentar uma série de articulações locais. Em 1992, no Encontro Nacional (ENA) de Curitiba, passei a responder pela secretaria nacional de jovens (vinculada ao CON-DIN), deixando tal função no ENA de 1995, em Aracaju.

Neste mesmo ano casei-me e fui morar numa cidade que não tinha o Movimento Familiar Cristão. Envolvido pelos desafios iniciais do casamento, do mundo do trabalho, da adaptação a um novo lugar, das incertezas do futuro que parecem incidir todo momento de decisão, não en-

contrei maneira de auxiliar a expansão o Movimento (enquanto organização), mas um Movimento não se expressa somente de modo organizacional, mas ele também se mantém vivo através daquilo que ensaja, projeta e cria na vida de cada um. Noutras palavras, tudo aquilo que havia aprendido a partir do Movimento, moveu e moveu-se no meu processo de formação, nas minhas maneiras de ser companheiro e pai (tenho 4 filhos). E para este caso específico, tornando-me pai, e também por ter convivido com experiências familiares diversas dentro do próprio Movimento, observei e passei a admirar a adoção. Pai de quatro filhos, dentre os quais, dois adotivos. Que na verdade é modo de dizer porque ao fim, os filhos sempre adotivos são, quando escolhidos. E aí já não interessa como chegaram, desde que cheguem e se aconcheguem. Recordo-me de uma frase que até hoje desconheço a fonte, que diz: "não amo por ser meu filho, mas o torno filho por amá-lo". O amor é quem empresta a familiaridade, e estando certa a etimologia da palavra família que é "comer juntos": o que mais deveríamos almejar nesse mundo do que buscar não só que todos comessem, mas, mais que isso, que comessem juntos?

Portanto, um Movimento Familiar Cristão poderia se traduzir assim: mover o mundo para se comer junto, motivados pelo amor: eucaristia, eu, caridade. Nenhum Movimento por mais que se empenha consegue ser o espelhar o amor definitivamente. Mas, também por isso se chama Movimento, em direção, pretendendo – no sentido de tendas, de algo que tem que ser montada, desmontada e remontada diariamente. Nenhum Movimento consegue ser totalmente familiar: porque se comer jun-

to para além do “familismo” é processo inclusivo, ele tem que se desembaraçar, a todo o momento, de seus preconceitos para se abrir ao diferente que muitas vezes não compreende. Por fim, por mais que se afirme, não é fácil ser cristão por autodenominação. Isso não é suficiente, já que o se espera é que o amor haja tênue e simples, apesar das circunstâncias. E eis que, a uma só vez, como Movimento (organização) e que como movimento (para o amor), sigo agradecido.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frases para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

***“Ser solidário para com o próximo significa ter uma visão diferente de mundo onde não haja explorados nem exploradores, onde todos se sintam reconhecidos na sua dignidade, onde quem tem mais possa repartir com quem não tem. Enfim, é um projeto de vida, é um projeto de sociedade, uma sociedade pautada pela solidariedade, pela partilha, pelo reconhecimento da dignidade das pessoas.”***

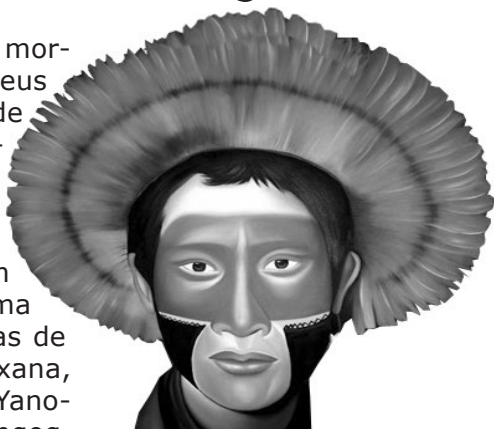


Pe. Bruno Secchi (1940 – 2020)

# Aos índios de Roraima

**P**elo amor de seus mortos, pelo amor de seus filhos, pelo amor de seu povo, mantenham-se sempre unidos. Cada aldeia com seu tuxaua\*. Os tuxauas entre si, como irmãos de um grande povo fazendo uma união de todas as aldeias de Roraima: Makuxi, Wapixana, Ingarikó, Taurepang, Yanomami, Wai-Wai, Maiongog, Waimiri, Atroari... e outros índios cujos nomes talvez eu nem sequer ouvi. Todas as comunidades indígenas deste território fazendo-se uma grande comunidade indígena. A união indígena faz a força indígena. Não se deixem dividir. Não se deixem comprar. Nem pelas ameaças nem pelas promessas, nem pelo dinheiro, nem pela cachaça, nem pela ilusão da vida dos brancos. Existem muitos índios enganados que um dia deixaram sua aldeia e agora vivem rodando e sofrendo e passando miséria e desprezo por essas cidades e estradas do Brasil.

Mantenham acesos, como uma fogueira no coração da aldeia, os seus costumes. Ensinem outra vez a língua materna aos que não a sabem falar. Quem perde sua língua



perde a alma de seu povo. A língua de vocês não é "gíria"; chamá-la "gíria" é uma ofensa dos brancos à língua que os seus mais velhos falavam. Se a terra demarcada e defendida é o chão onde um povo se planta e cresce, a língua própria é como o sangue que circula por todo o corpo da comunidade.

Vocês não estão sozinhos. Existem ainda milhões de índios nesta América Latina. Conheçam a vida, o sofrimento, as lutas, as vitórias, as assembleias dos outros povos indígenas de todo o Brasil e de toda a Ameríndia.

O homem branco, quando chegou a este Continente, botou todos os nativos dentro da gamela\* de um nome único: "índios". Como se os muitos povos deste Continente não tivessem nem

nome nem história. E perseguiu a todos igualmente, como caça. De todos eles arrancou a terra, os costumes, a paz, a vida.

Vocês que sobreviveram a tanta perseguição e a tanta cobiça dos brancos invasores, façam agora dessa palavra “índios” uma única bandeira de uma grande pátria, Ameríndia, a América dos Índios unidos, respeitados e livres.

O branco sempre falou muito de Deus, mas não respeitou a vontade do Deus verdadeiro. Aquele Deus que é o Pai de todas as pessoas e o Senhor único de todos os povos está com vocês, apoiando sua luta. E é o Deus da vida e não o Deus da morte.

Aqueles de vocês que são cristãos sabem que Jesus Cristo não veio ao mundo para que os índios deixassem de ser índios. Ele não é um colonizador branco. Ele é o Libertador. O índio cristão que pensa em deixar de ser índio não pode ser um bom cristão. Quem nega seu povo nega a Deus, criador de todos os povos.

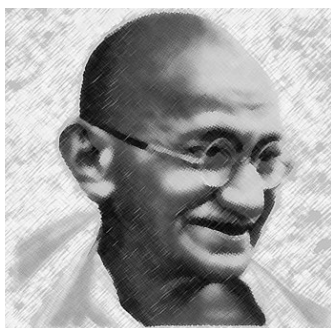
### **VOCABULÁRIO:**

**Tuxaua:** chefe temporal; indivíduo influente no lugar em que mora.

**Gamela:** vasilha

*Fonte: Pedro Casaldáliga: Na procura do Reino – Antologia de textos 1968 / 1988. Tradução de Antônio Carlos Moura. São Paulo: FTD, 1988, p. 75 – 76.*

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frases para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



***“O amor não é somente um estado negativo que consiste em não fazer o mal, mas também um estado positivo que consiste em amar, em fazer o bem a todos, inclusive a quem faz o mal.”***

Mohandas Gandhi (1869 – 1948)



## NAO TE NEGUEI

Por causa de tua causa me destroço  
como um navio, velho de aventura,  
arvorando, porém, o jovem gozo  
de quem, fiel, coroa a travessia.

Fiel, fiel... é um modo de dizer. O tempo dura  
e o porto é ainda um esboço  
por entre as brumas desta Idade escura  
que afoga o mar em sangue e em soluço.

Sempre esperei tua paz. Não te neguei,  
se bem neguei o amor de muitos modos  
e soçobrei, mesmo tendo-te a meu lado.

Não vou pagar as dívidas; não me cobres.  
Se eu não soube achar-te sempre em todos,  
nunca deixei de amar-te nos mais pobres.

Dom Pedro Casaldáliga  
(1928 – 2020)

# Resumos de livros



**1 – Felicidade foi-se embora?** – Frei Betto, Leonardo Boff e Mário Sérgio Cortella. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016

De um modo amplo, reflexivo e poético, os autores abordam suas visões sobre uma das mais intrigantes questões filosóficas: a felicidade. O livro atrai a atenção do leitor no sentido de lançar profundos apontamentos diante de uma busca humana que nos fascina e, ao mesmo tempo, angustia.



**2 – O Amor é contagioso** – o Evangelho da Justiça. Papa Francisco. Organização: Anna Maria Foli. São Paulo: Fontanar, 2017.

O Papa Francisco expõe o Amor à concretude da vida. Para ele, “o amor verdadeiro é concreto, mira os fatos e não as palavras, o dar e não o receber vantagens. (...) São coisas concretas justamente porque o amor é concreto”. Em seu apostolado de fé, Francisco revela sua inquietude aos dramas do mundo marcado por desigualdades e injustiças sociais, para que, por meio do Amor, possamos trabalhar a construção de um mundo mais justo e solidário por meio de nossas ações cotidianas.



**3 – Morte e vida Severina.** João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

A obra de João Cabral de Melo Neto é uma das leituras mais profundas da realidade do povo sofrido do Nordeste brasileiro. “E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia”. Sua poética nos imprime o ritmo do tempo dos retirantes nordestinos, saindo da seca que castiga para a vida na cidade que massacra.



**4 – Por onde for o teu passo, que lá esteja o teu coração: um diálogo com a consciência, a menino interior.** Fábio de Melo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

Neste livro, o Padre Fabio de Melo nos lança o desafio da busca por um caminho de autenticidade, simbolicamente ilustrada pela “menina interior”. Ela se defronta com um homem atribulado pela corrida do tempo e o faz perceber que sua vida pode estar passando em vão. Assim, ela recomenda que “é sob a sua tutela amorosa que você descobrirá que a vida pode ser diferente, e que nunca é tarde para reorientar a sua história”.



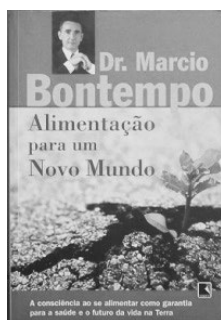
**5 – O Livro das Ignoranças .** Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

A poesia de Manoel de Barros (1916 – 2014) nos confronta com a sabedoria do não letrado. Ele se vale de imagens e do material que a fala do povo oferece à sua poesia para apresentar personagens e causos. “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul – que nem uma criança que você olha de ave. Poesia é voar fora da asa”.



**6 – Yoga Verde – atitudes sustentáveis para mudar a sua vida e salvar o planeta.** George Feuerstein e Brenda Feuerstein. Tradução Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Pensamento, 2010.

Os autores abordam dois pilares fundamentais do yoga e da ecologia, a autotransformação e a preservação do nosso ambiente natural, de modo a integrá-los de modo dinâmico e propositivo, dentro de experiências traçadas a partir da vivência dos autores em contraponto aos desequilíbrios complexos no atual cenário, como aquecimento global, a poluição da terra, da água e do ar, a ameaça de extinção em massa de espécies, o desmatamento das florestas, a perda do solo arável, o esgotamento da água potável, dentro outros. Os praticantes de Yoga terão a oportunidade de incluir em sua prática diária atitudes que os aproximam conscientemente com todos os seres vivos e o meio ambiente.



**7 – Alimentação para um Novo Mundo – A consciência ao se alimentar como garantia para a saúde e o futuro da vida na Terra.** Márcio Bontempo. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006.

O livro constitui uma importante contribuição para pensar saúde integradora, dentro do olhar de um médico que milita há mais de trinta anos no terreno da Naturopatia e da alimentação vegetariana, vistos por ele como elementos essenciais para um olhar terapêutico sobre os alimentos e para o cuidado com a Terra e todos os seres que nela habitam



**1 - "DOIS PRA LÁ DOIS PRA CÁ".** Brasil, 2003 (TV Cultura). Direção: Alexandre Ribeiro de Carvalho, André Sampaio e José Roberto de Moraes.

Filme documentário sobre a obra do compositor carioca Aldir Blanc, sua relação com a boemia carioca no bairro da Tijuca e com seus parceiros de composição. Uma bela história de amor à música e à poesia, e o reconhecimento à memória de um dos mais letristas da Música Popular Brasileira.



**2 - "JOHANN SEBASTIAN BACH - O Mestre da Música".** Alemanha, Hungria, 1985. (Minissérie em quatro episódios). Direção: Lothar Bellag.

O filme marca trajetória de um dos maiores gênios da música: suas relações com outros compositores, seus amores, o processo de criação de várias de suas obras-primas. Um espetáculo à memória daquele que é, inegavelmente, Mestre da Música. Um deleite aos ouvidos dos amantes da música.



**3 - "A TEORIA DE TUDO".** EUA, 2014. Direção: James Marsh.

O notável estudante de Física Stephen Hawking recebe um diagnóstico arrasador, bem quando conhece e se apaixona por Jane Wilde. Com Jane ao seu lado, Stephen constrói uma das mais importantes contribuições para a Ciência contemporânea. Uma linda declaração de que "enquanto houver vida, haverá esperança".



**4 - "SER OU NÃO SER".** EUA, 1942. Direção: Ernest Lubitsch.

Em Varsóvia, 1939, uma companhia teatral ensaia uma peça antinazista enquanto à noite apresenta "Hamlet", mas o ataque alemão à Polônia impõe ao elenco outros papéis. O tom satírico de Ernest Lubitsch provocou mal estar em 1942, ao opor os que atuam feito marionetes e os verdadeiros atores, cuja capacidade de interpretar, improvisar e fazer rir nos ajuda a sobreviver do terror em um estado de exceção (como no nazi-fascismo).



**5 - "SELMA".** EUA / Reino Unido / Irlanda do Norte, 2014. Direção: Ava DuVernay.

O filme narra a história da luta de Martin Luther King Jr. para garantir os direitos dos negros pelo voto na cidade de Selma, no Estado do Alabama. Uma campanha que culminou na marcha épica de Selma a Montgomery, Alabama e que estimulou a opinião pública e convenceu o presidente Johnson a implementar a Lei dos Direitos de Voto em 1965, um momento crucial no Movimento dos Direitos Civis nos EUA.



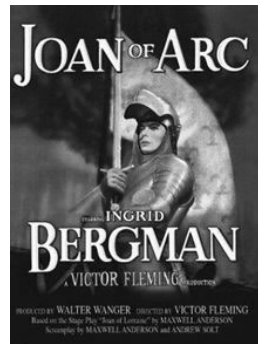
**6 - "ZUZU ANGEL".** Brasil, 2006. Direção: Sérgio Rezende.

A famosa estilista Zuleika Angel vive o drama do desaparecimento de seu filho Stuart Angel Jones, militante político durante o regime militar brasileiro. Preso em 1971, Stuart foi preso, torturado e assassinado, sendo dado como desaparecido político.



**7 - "JOANA D'ARC".** EUA, 1948. Direção: Victor Fleming.

A jovem Joana (interpretação magistral de Ingrid Bergman) escuta vozes, desde muito jovem, que a chamam a comandar o exército francês no confronto com os ingleses. A França volta a ter um rei, mas Joana é traída e entregue aos ingleses, tendo que enfrentar o tribunal inquisidor da igreja. O filme recebeu duas estatuetas "Oscar": melhor fotografia e melhor figurino.



**8 - "O MILAGRE NA SALA 7".** Turquia, 2019. Direção: Mehmet Ada Oztekin.

Separado de sua filha por ser acusado de um crime que não cometeu, Memo precisa provar sua inocência ao ser preso pela morte da filha de um comandante. Na prisão, ele passa a contar com a ajuda de seus companheiros de cela e de quem também está do outro lado da grade, para recuperar o convívio com sua amada filha. Um texto maravilhoso, que ressalta valores como compaixão, respeito às diferenças, perdão e reconciliação.



**9. "O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO".** Reino Unido / Irlanda do Norte, 2019. Direção: Chiwetel Ejiofor.

O pequeno William mora em um vilarejo, na cidade de Malawi, África. Marcada por difíceis condições de vida, sua família enfrenta duras estiagens. William, com sua engenhosa inteligência, porém, produz um moinho de vento para irrigar a plantação da vila, contribuindo para a salvação de seu povo.



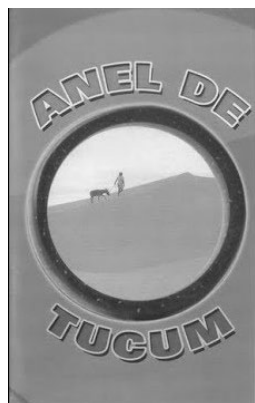
**10. "MULHERES DA NOITE".** Japão, 1948. Direção: Kenji Mizoguchi.

O filme retrata o reencontro de duas irmãs depois de terem perdido contato durante os anos de guerra. Marcadas pela experiência sofrida nos subúrbios da cidade e pelo sofrimento das mulheres em situações de humilhação e sujeição material, Mizoguchi de fato elegeu a condição humana como referência de todas as formas de sua obra cinematográfica.



**11 - "ANEL DE TUCUM".** Brasil, 1992. Direção: Conrado Berning.

O filme documentário mostra a luta dos trabalhadores rurais explorados pelos latifundiários, que se reúnem para combater a ação das Comunidades Eclesiais de Base, na região de conflito em São Félix do Araguaia, em Mato Grosso. A figura do bispo católico Pedro Casaldáliga é o alvo dessa perseguição. O anel de tucum é o símbolo da adesão à causa dos empobrecidos, da luta histórica com os camponeses, dos trabalhadores rurais, dos quilombolas e dos povos tradicionais Indígenas.



QUANDO UMA SOCIEDADE LAMENTA MAIS A PERDA DO  
DINHEIRO DO QUE A PERDA DE VIDAS HUMANAS,  
ELA NÃO PRECISA DE VÍRUS. JÁ ESTÁ DOENTE.

**D**ias terríveis e nos organizando para, novamente destituir do poder aqueles que estão lá no tempo presente.

Estão cada vez mais acuados e sem ter como executar a totalidade dos seus inconfessáveis propósitos.

O mínimo que cada um possa fazer já ajuda a demolir o diabólico castelo de poder que retira direitos e condena os empobrecidos às mais severas privações multiplicando a miséria.

O simples ato de bater panelas quando o atual presidente ocupa as TVs em rede, por exemplo, já contribui para mais um passo do nosso Povo rumo a LIBERTAÇÃO.

Apoiados no exemplo de JESUS, VENCEDOR DA MORTE, também nós nos tornamos VENCEDORES e CAPACITADOS PARA ASSUMIR UMA VIDA MAIS JUSTA, SOLIDÁRIA, AMOROSA, FRATERNA...

Enfim, VIDA PLENA DE RESSUSCITADOS EM JESUS. Nossa vida na VIDA DELE. Nossa realização na PLENITUDE da qual JESUS É O PROTAGONISTA. ELE nos precedeu.

SIGAMOS OS SEUS PASSOS.

A M É M ! ! !

A PAZ DO SENHOR JESUS esteja em todos nós.



Izaac Donizete de Freitas  
Membro do Grupo de Estudos Bíblicos  
Movimento Familiar Cristão  
IGREJA QUE ESTÁ EM JUIZ DE FORA.

## Laurentino Gomes. Escravidão. Volume 1.

**D**o primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019, 479 p. Primeiro volume da nova trilogia de livros-reportagem. Resultado de seis anos de pesquisas e observações, que incluíram viagens por doze países e três continentes, este primeiro volume cobre um período de 250 anos, do primeiro leilão de cativos africanos registrado em Portugal, na manhã de 8 de agosto de 1444, até a morte de Zumbi dos Palmares, em 20 de novembro de 1695. Entre outros aspectos, a obra explica as raízes da escravidão humana na Antiguidade e na própria África antes da chegada dos portugueses, o início do tráfico de cativos para a América e suas razões, os números, os bastidores e os lucros do negócio negreiro, além da trajetória de alguns dos seus personagens mais importantes, como o infante Dom Henrique, patrono das grandes navegações



e descobrimentos do século XV e também um dos primeiros grandes traficantes de escravos no Atlântico. Esta é uma história de dor e sofrimento cujos traços são visíveis atualmente em muitos dos locais visitados pelo autor, como

Luanda, em Angola; Ajudá, no Benin; Cidade Velha, em Cabo Verde; Liverpool, na Inglaterra; e o cais do Valongo, no Rio de Janeiro. Os dois volumes seguintes, a serem publicados em 2020 e 2021, serão dedicados ao século XVIII, o auge do tráfico de escravos, e ao movimento abolicionista que resultou na Lei Áurea de 13 de maio de 1888, chegando até o persistente legado da escravidão que ainda hoje assombra o futuro dos brasileiros.

“O Brasil tem seu corpo na América e sua alma na África”, afirmava no final do século XVII o padre jesuíta Antônio Vieira. Essa é uma frase profética que se torna cada vez mais verdadeira. Maior território escravocrata do hemisfério ocidental, o Brasil recebeu cerca de 5 milhões de

cativos africanos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América ao longo de três séculos e meio. Como resultado, o país tem hoje a maior população negra do planeta, com exceção apenas da Nigéria. Foi também, entre os países do Novo Mundo, o que mais tempo resistiu a acabar com o tráfico de pessoas e o último a abolir o cativeiro, por meio da Lei Áurea de 1888 --- quinze anos depois de Porto Rico e dois depois de Cuba. Experiência mais determinante na história brasileira, a escravidão teve um impacto profundo na sociedade, na cultura e no sistema político-econômico que deu origem ao país após a Independência. Nenhum outro assunto é tão importante e tão definidor da nossa identidade nacional.

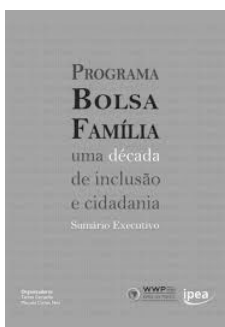
Estudá-lo ajuda a explicar o que fomos no passado, o que somos hoje e também o que seremos daqui para a frente". Laurentino Gomes. Segunda Capa do Livro. Dionigi Carli, frade capuchinho italiano, falando sobre os navios do tráfico de escravos, afirma : "Esta é a navegação mais dolorosa que existe em todo mundo" p.277. Um cemitério no Oceano: Quase dois milhões de cativos africanos morreram na travessia do Atlântico ao longo de três séculos e meio. O percentual de mortalidade variava de acordo com o tempo e a distância da viagem. O Rio de Janeiro foi o maior porto negreiro da História, seguido de Salvador e Liverpool, na Inglaterra. O Rio de Janeiro recebeu 1,5 milhão, Salvador 1,3 milhão, Liverpool 1,3 milhão.

## HISTÓRIA DO NOME DE PORTO DE GALINHAS



Antigamente, o que hoje chamamos de Porto de Galinhas era conhecido como "Porto Rico", justamente por ser uma área rica com a extração de Pau Brasil. Com o fim da escravidão no nosso país, o porto ficou muito famoso pelo contrabando de escravos, já que tinha menos visibilidade do que o porto da capital, Recife. Quando os escravos chegavam para serem vendidos, contrabandeados, vinham escondidos embaixo de engradados de galinhas d'angola. Assim, a chegada dos escravos na beira mar era anunciada pela senha "Tem galinha nova no Porto!". Por conta disso, Porto Rico ficou conhecido como Porto das "galinhas".

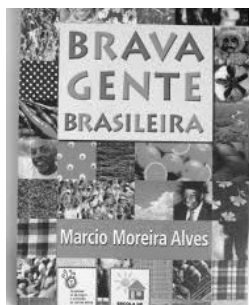
**IPEA. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Programa Bolsa Família: Uma década de inclusão e cidadania, 2013, 494p. Governo Federal. Presidenta da república: Dilma Rousseff. Vice-presidente da República: Michel Temer.**



escolar, a melhoria da qualidade dos alimentos consumidos, o alcance da qualificação profissional, a ampliação das oportunidades de emprego, os efeitos macroeconômicos e de diminuição da desigualdade são

O Programa Bolsa Família beneficia 50 milhões de pessoas e está presente em todos os municípios brasileiros. Após uma década de sua existência, a sociedade brasileira é convidada a refletir sobre a trajetória de consolidação deste que é o maior programa de transferência de renda do mundo. Os resultados alcançados pelo PBF no combate à pobreza, em suas diversas dimensões, são hoje evidentes. O acesso à renda, a redução da mortalidade infantil, o rendimento

algumas das dimensões que compõem o rico panorama analisado pelos 66 autores ao longo dos 29 capítulos deste volume. Cidadania, inclusão social e autonomia das famílias pobres são indicativos de que o Brasil vive um momento de mudanças e de maior otimismo. Os trabalhos aqui reunidos, que trazem análises críticas e atentas, somam-se ao esforço efetivo e constante de aperfeiçoamento do Programa Bolsa Família e de construção de novos caminhos e perspectivas para seus beneficiários.



**Marcio Moreira Alves. Brava Gente Brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 299 p.

A obra é o resultado de mais de 20 anos do trabalho jornalístico de Marcio Moreira Alves, que percorre o país com o propósito de descobrir exemplos de programas e de iniciativas sociais, por parte de alguns governos e empresas, que dão certo e devem, pois, ser seguidos. E nessa busca o jornalista teve contato com toda a diversidade cultural do Brasil, mas se deparou com a grandeza da solidariedade e do espírito de luta e resistência do povo brasileiro.

**Walquíria Leão Rego e Alessandro Pinzani. Vozes do BolsaFamília: Autonomia, dinheiro e cidadania.** São Paulo: Editora Unesp, 2013, 241p.



Estudamos a pobreza, os destituídos de voz, os “invisíveis”. Descobrimos, por meio de estudos diversos, que são milhões de brasileiros que estavam, e em muitos casos ainda estão, completamente fora das heranças mais básicas da civilização. Qual é o papel e quais as consequências econômicas e sociais do Bolsa Família para a vida das pessoas? Durante anos de viagens e entrevistas procuramos chegar aos diferentes beneficiários do programa Bolsa Família e ouvi-los. O leitor poderá observar processos surpreendentes que vêm acontecendo de forma quase silenciosa no país. A mudança das relações de gênero, com

a redução da carga da submissão feminina nas famílias beneficiárias, é um exemplo das interessantes constatações deste estudo, as quais vêm a público como importante contribuição para reflexão e para o debate sobre este

tema candente estreitamente associado à luta contra a pobreza e as desigualdades no país. Por fim esta observação muito interessante para quem vai o Cartão: “A quase totalidade das mulheres garantiu ser melhor o cartão estar em seus nomes do que no do marido. A justificativa foi, quase sempre, a de que a mulher cuida melhor do dinheiro, sabe mais do que a família precisa e é capaz de fazer compras mais econômicas. Mas houve muitas que disseram que os companheiros usariam o dinheiro para beber” p.192.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frases para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆



***“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver melhor o mundo. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.”***

Rubem Alves: “Ostra feliz não faz pérola”, p. 133.



## Os filósofos

**H**á milhares de anos, dois filósofos se encontraram numa colina do Líbano, e um deles perguntou ao outro:

- Aonde vais?

E o outro filósofo respondeu:

- Vou em busca da fonte da eterna juventude que, pelo que se conhece, nasce entre montes. Encontrei uns escritos que mencionam a fonte, que vem à superfície nestas paragens. E tu, que andas buscando?

O primeiro filósofo respondeu:

- Ando em busca do mistério da morte.

Então, cada um deles julgou o outro néscio e visionário e começaram a discutir exacerbadamente e a culparem-se, ambos, de estreiteza de espírito. Enquanto os dois se insultavam, um forasteiro, homem de poucos conhecimentos, passou por ali e, ao perceber que aqueles respeitáveis senhores discutiam tão

acaloradamente, parou por um instante para ouvir o que diziam.

Depois, aproximou-se dos filósofos e disse:

- Amigos, parece-me que sois da mesma escola filosófica e que dizeis a mesma coisa, só que com palavras diferentes. Um de vós busca a fonte da eterna juventude; o outro, o mistério da morte. No entanto, se pensardes bem, ambas são a mesma coisa e se encontram dentro de vós mesmos.

Então, o forasteiro deu meia-volta, exclamando:

- Adeus, sábios senhores.

Os dois filósofos olharam-se calados e começaram a rir-se de si mesmos. E um deles concluiu:

- Bom, o que tu achas de agora caminharmos juntos, para juntos procurarmos...?

*Khalil GIBRAN – poeta libanês (1883 – 1931)*

## VOCABULÁRIO:

- **Néscio:** aquele que ignora algo.

- **Exacerbadamente:** de forma intensa, forte.

- **Parcos:** insuficientes, escassos, diminutos.

## ATIVIDADES PROPOSTAS:

Escolha e comente três frases de que você gostou

Conte, em forma de narração, uma situação semelhante

te que tenha acontecido na vida real.

Dialogue em grupo sobre a necessidade de se buscar junto. Comente casos nos quais você aceita o conteúdo das normas, mas não aceita as formas como são propostas.

Fonte: *FRANCIA, Alfonso.*

*Educar com Parábolas.*

Tradução: *Élcio de Oliveira*

*Lima. 2. ed. São Paulo: Mundo*

*Mirim, 2010, p. 42 - 44.*

## Cada família do MFC

### 1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



### Assinatura anual: R\$ 36,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (32) 98702-1600**

**E-mail: [livraria.mfc@gmail.com](mailto:livraria.mfc@gmail.com)**

**Tel: (32) 3235-8286, de 13:00 às 18:00**



**Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68  
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**

# Deus anônimo



**C**omo homem, Jesus é como todos os homens. Um trabalhador como seu pai, José. Nem super-herói nem um piedoso que chame a atenção.

É um homem de vila e vive no anonimato como todos. Participa do destino humilhante de seu povo subjugado pelas forças de ocupação romana. Não tinha biblioteca nem deixou nada por escrito. Nenhum documento da época se refere a ele. Perde-se na massa dos anônimos.

O fato de ter sido a encarnação de Deus não muda nada dessa situação. Deus quis se revelar nesse tipo de obscuridade, não apesar dela.

A lição é cristalina: qualquer situação, por mais humilde que seja, é suficientemente boa para acolher Deus e para o ser humano fazer-se o receptáculo da plena divindade.

Jesus não é nosso irmão somente por carregar a mesma humanidade que nós, mas é nosso irmão principalmente por ter participado de nosso cotidiano sem brilho e renome.

Disso tiramos esta singela lição: a vida vale a pena ser vivida assim como é – cotidiana, monótona como o trabalho do dia-a-dia e exigente na paciência de conviver com os outros, ouvi-los, compreendê-los e amá-los como são.

Ele é nosso irmão maior enquanto, dentro desta vida de sombra, viveu tão radicalmente sua humanidade a ponto de trazer Deus para dentro dela.

Ele revelou ao mesmo tempo a humanidade de Deus e a divindade do homem.

*Fonte: BOFF, Leonardo. A força da ternura – Pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 57 – 58.*

# *O amor como atitude revolucionária*



**P**ara mudar o mundo, precisamos nos conectar com o ambiente em que estamos. O amor é algo que deve necessariamente ser encarnado, materializado, concretizado em ações de cuidado com o que está ao nosso redor. Não basta ficar na pulsão abstrata, no campo do sentimento, pois o amor pede decisão, mudança de entendimento e atitudes que preservem e promovam a vida.

Quanto de amor, entrega e sacrifício há no cuidado permanente de minha mãe comigo? O que para muitos pode parecer simplório, banal e despolitizado para mim se constitui como a dimensão concreta do estabelecimento do amor como prática que melhora os pequenos espaços da vida. E é eviden-

te que não pode se restringir a esse lugar, pois ele tem de transbordar!

É evidente que o amor tem a ver com “sentir”, mas ele precisa de um conteúdo ético maior, que aponte para a construção de um lugar onde as pessoas possam viver e conviver em paz, na harmonia das diferenças. Nesse sentido, o amor liberta justamente porque não suprime individualidades, mas gera o ambiente e as condições para que as pessoas sejam o que são e se descubram nas suas potências, possibilidades e singularidades. Amor é amar, e amar é agir para que o outro possa ser em liberdade.

A liberdade é um tema complexo e cheio de variá-

veis, mas aqui me refiro à liberdade no sentido de poder ser, poder viver, poder se descobrir, poder chorar ou sorrir sem medo. O amor se relaciona com liberdade e superação do medo. O amor não é destino, sorte e não pode ser uma idealização, é acima de tudo um caminho que se percorre, uma decisão e uma forma de viver. Pensar o amor como caminho é pensar o amor como atitude, construção artesanal, fazer diário. Ele deve se manifestar concretamente em nosso dia a dia. O amor é enquanto acontece. As imagens relacionadas à minha avó e à minha mãe representam, para mim, o caráter cotidiano e artesanal do amor. Que imagens dessa natureza você pode buscar em sua memória? Que detalhes do seu cotidiano são sinais de amor e de cuidado? A propósito, você consegue enxergá-los? Precisamos aprender a olhar.

O exercício do amor não significa que nos tornaremos seres ideais, com pensamentos puros e atitudes boas o tempo inteiro. É ingenuidade pensar assim, e é perigoso também, porque estabelece uma demanda da qual ninguém dá conta, e, da frustração, nascem a culpa e a permanente insatisfação. O amor não nos maquina ou programa para ações sempre

ajustadas e perfeitas. Ele não nos imuniza dos conflitos, não nos faz pairar sobre a história. Continuamos sendo precários, finitos, contraditórios e vulcânicos em nossos sentimentos e ações. Qualquer visão que exclua essa realidade tende a pesar demais. Somos demasiada e fantasticamente humanos, e o amor não suprime ou supera essas tensões de nossa existência. Há dias que são ruins, em que estamos mais estressados e intolerantes, que não conseguimos agir da maneira mais justa e adequada.

A vida é tanta coisa ao mesmo tempo, são tantas as variáveis que interferem nas nossas emoções, julgamentos e ações. Portanto, é injusto exigir uma estabilidade no amor, que ele passe incólume por todas essas interferências. Enfim, o amor não nos torna perfeitos. Contudo, o amor como atitude, caminho e fazer diário é o único meio generoso de acolhimento da complexidade humana. Em uma sociedade onde tudo parece descartável, inclusive os laços sociais, pequenos e decididos gestos podem recriar espaços e salvar ambientes sociais do caos da desesperança.

Lembro-me do profeta Gentileza, que andava pelas ruas das cidades de Niterói e do Rio de Janeiro com suas

roupas estranhas e seu jeito esquisito. Fazia grafites nas paredes e seu mantra era: "Gentileza gera gentileza". Seu nome oficial era José Datrino. Ele era dono de uma transportadora e decidiu largar tudo que tinha para "entregar" sua mensagem depois de um incêndio criminoso em um circo de Niterói, onde aproximadamente quinhentas pessoas morreram. Datrino pegou um de seus caminhões e foi morar justamente no local de incêndio. Plantou uma horta e um jardim sobre as cinzas, e ofereceu consolo às pessoas feridas ou traumatizadas com a tragédia. E ali surgiu Gentileza. Maluco, excêntrico – quantas expressões preconceituosas ao seu estilo de vida já ouvi! – mas eu só via um profeta do nosso tempo.

Gentileza denunciava a desumanidade crônica, petrificada e naturalizada na correria ansiosa de nossas cidades impessoais. Em suas palavras encontro o convite para a dimensão mais concreta e pública do amor. "Gentileza gera gentileza" é mais que uma afeição momentânea e pontual, é o amor que acolhe a natureza, que se desprende materialmente e cria laços entre as pessoas, gerando consolo em meio à tristeza. Bendito

seja esse louco que denuncia nossa insana e desumana normalidade!

O amor como caminho é capaz de dilatar nosso coração. Isso significa que nosso coração tenderá a tornar familiar o que parecia estranho. Dessa maneira, o olhar se modifica e novos cenários passam a fazer parte do nosso campo visual e existencial.

(...) Cabe ainda dizer que o amor não significa, em hipótese alguma, passividade diante das injustiças. O amor, no seu sentido mais profundo, tem relação direta com inconformidade, desobediência e subversão. O amor é uma atitude política revolucionária, porque amar é se ligar à humanidade...

(...) A melhor forma de expressar amor por toda a humanidade, esse conceito genérico, porém legítimo, e que existe na nossa projeção, é assumir um compromisso com as pessoas ao nosso redor e, no contexto da sociedade, se posicionar ao lado de quem não é contemplado pelas estruturas de poder e privilégio. Assim, o amor desobedece às regras e leis injustas, posicionando-se contra o que maltrata a vida.

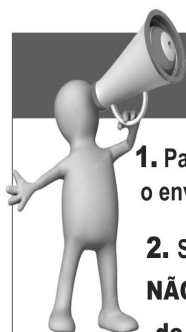
(...) O amor é revolucionário. Toda construção humana carrega limites e injustiças. Nenhum mode-

lo de sociedade é perfeito. Nossos arranjos políticos, econômicos e sociais sempre criam mecanismos que maltratam pessoas. O amor é, então, aquela pulsão que grita contra o que apequena a vida, o amor é o que coloca em xeque toda pretensa normalidade. O amor é sempre abertura para um futuro mais pleno. (...) O amor reforça os laços sociais, é um

agente transformador poderoso, e sua força está tanto nos pequenos gestos quanto nas grandes ações.

O amor se revela, só precisamos olhar, enxergar e praticar!

*Fonte: VIEIRA, Henrique. O Amor como Revolução. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019, p. 41 – 47.*



## AVISO AOS ASSINANTES

**1.** Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

**2.** Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo tel **(32) 3235-8286**, de **13:00 às 18:00** ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC:

**livraria.mfc@gmail.com** ou ainda pelo **whatsapp (32) 98702-1600**.

**3.** Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

**4.** O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.



**Temos o máximo  
prazer em mantê-lo  
como assinante.**

# O HOMEM DAS MÃOS ATADAS



**E**ra um homem como todos os outros. Um homem normal. Tinha qualidades positivas e negativas. Não era diferente.

Certa vez, bateram de supetão à sua porta. Ao atender, encontrou alguns amigos. Eram vários e tinham vindo juntos.

Seus próprios amigos lhe ataram as mãos. Depois lhe disseram que assim seria melhor; que dessa forma, com as mãos atadas, não poderia fazer nada de mau (esqueceram-se de dizer-lhe que também não poderia fazer nada de bom).

E foram embora, deixando um guarda à sua porta para que ninguém pudesse soltá-lo.

No começo, desesperou-se e tentou livrar-se das ataduras. Quando se convenceu de que qualquer esforço

seria inútil, foi, aos poucos, acomodando-se à sua nova situação.

Lentamente foi conseguindo sobrepujar-se para continuar subsistindo com as mãos atadas. Inicialmente foi difícil até para tirar os sapatos. Mas certo dia conseguiu enrolar e começou a esquecer-se de que antes tivera as mãos livres...

Passaram-se muitos anos. E o homem chegou a acostumar-se com suas mãos atadas. Enquanto isso, seu guardião contava, dia após dia, as coisas más que lá fora faziam os homens que tinham as mãos livres (esquecia-se de contar-lhe as coisas boas que os homens de mãos livres faziam lá fora).

Os anos continuaram a correr. E o homem chegou a acostumar-se com suas mãos atadas. E quando o guardião

recordava que graças àquela noite em que entraram para atá-lo, ele, o homem de mãos atadas, não podia fazer nada de mal (esqueceu-se de recordar que tampouco podia fazer algo de bom), o homem começou a acreditar que era melhor viver com as mãos atadas...

Além do mais, estava já tão acostumado com as ataduras...

E assim passaram-se muitos e muitos anos...

Um dia, seus amigos surpreenderam o guardião, entraram na casa e cortaram as ataduras que amarravam as mãos daquele homem.

- Estás livre! – disseram-lhe.

Mas, infelizmente, haviam chegado tarde demais.

As mãos do homem estavam completamente atrofiadas.

## ATIVIDADES PROPOSTAS

Esta parábola evoca alguma situação real da escola, da família, do grupo, da sociedade? Relate.

Como conciliar, na vida, palavras como: autoridade, coação, liberdade, obediência?

Dialogue sobre um tema extraído da parábola. Conformismo? Manipulação?

Acrescente um ensinamento do texto e aplique-o à vida corrente.

Enumere as ataduras que você deve romper para tornar-se uma pessoa do bem.

*Fonte: FRANCIA, Alfonso.*

*Educar com Parábolas.*

*Tradução: Élcio de Oliveira Lima. 2. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2010, p. 186 – 189.*

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frases para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆



***“Viva um dia de cada vez.  
O sentido da vida é aqui e  
agora. Mergulhe no presente.  
O futuro é uma promessa  
e o presente é agora.”***

Ailton Krenak – liderança indígena do Rio Doce / Minas Gerais



## O CÂNTICO DA TERRA

Hino do lavrador  
Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.  
Sou o chão que se prende à tua casa.  
Sou a telha da cobertura de teu lar.  
A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranquila ao teu esforço.  
Sou a razão de tua vida.  
De mim vieste pela mão do Criador,  
e a mim tu voltarás no fim da lida.  
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe universal.  
Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.  
Teu arado, tua foice, teu machado.  
O berço pequenino de teu filho.  
O algodão de tua veste  
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante  
a mim tu voltarás.  
E no canteiro materno de meu seio  
tranquilo dormirás.

Cora Coralina  
( 1889 – 1985 )

# *O que nos cativa?*



**S**ão Paulo já dizia que é frequente a gente querer fazer uma coisa e acabar fazendo o que não deseja (cf. Rm 7, 14 – 24). Há em nós uma divisão e uma luta interior constantes. Às vezes, a fonte de onde bebemos o modo de lidar com a vida estava poluída. Outras vezes, desvirtuamo-nos no decorrer do caminho. Pode ser por causa de uma pessoa, um grupo de amigos, uma circunstância.

É por isso que, constantemente, precisamos vigiar os movimentos do coração e avaliar as atitudes e os gestos, exatamente porque nos enganamos. Desejamos fazer algo bom e acabamos “metendo os pés pelas mãos”. Isso entristece o nosso coração.

Sabendo disso é que devemos nos perguntar: O que é que nos cativa, o consumo ou a necessidade? O artificial ou o essencial? O virtual e o simulado ou o concreto e o real?

Nosso Planeta (e nós juntos com ele) está ficando cansado e correndo o risco de esgotamento dos recursos naturais. A exploração é desmedida. Em nome do resultado e da pro-

dução, estamos matando a vida. As pessoas não podem resistir, pois trabalham dia e noite, em dois ou três lugares. Há pouco espaço par o lazer e o cultivo da espiritualidade. O que era para gerar felicidade se transforma em tensão e sofrimento.

Vivemos um tempo em que o virtual e a simulação da vida assumem o lugar da realidade. Não temos mais necessidade de tanta gente para produzir muito. A máquina faz. É bom por um lado, pois facilita a vida, mas é desastroso por outro, pois nos desumanizamos. Aos poucos, vamos perdendo a necessidade do contato, do toque e do calor humano.

(...)

Tudo tem a ver com tudo. Daí a importância de cuidar das diversas dimensões do nosso "ser-no-mundo". Nesse cuidado, está a simplicidade: simplicidade nas relações interpessoais, no trato e nos gestos; simplicidade no uso dos recursos naturais e na maneira de consumir.

Viver simplesmente! Diminuir o supérfluo e o consumo apenas pela necessidade de ter e de gastar. (...) Damos pouco ou nenhum valor às coisas que de fato nos fazem mais inteiros e humanos.

A busca pela simplicidade torna nosso coração aberto, disponível e leve. A leveza nos coloca na onda da liberdade diante das possibilidades. Quando nos sentimos livres, somos capazes de cativar aquilo que é mais valioso e precioso. Não somos livres porque possuímos cartão de crédito, uma conta bancária ou um carro; nem apenas quando podemos ir a qualquer lugar ou fazer o que dá vontade. Somos livres quando, diante de todas as possibilidades, temos paz, sabedoria e serenidade para escolher. A consequência é a alegria interior.

Como nos recorda o livro *O Pequeno Príncipe*, para chegar ao essencial, é preciso o coração. E somente um coração leve e em paz pode perceber o essencial. (...)

Muitos valores ainda não são tocados e experimentados por nós porque nosso olhar ainda está desatento e o nosso coração ainda está pesado. É preciso cativar o essencial, pois, no final, é o que permanece e perdura. O superficial e o artificial têm vida curta e, às vezes, pouco efeito.

*Fonte: SOELA, Vanderlei. Cativados pelo Amor. Temas de reflexão e vivência entre os jovens. São Paulo: Paulinas, 2005, p.97 – 100.*

# ESTABELECENDO NOVOS RITUAIS

**U**ma das melhores coisas que acontecem no caminho da espiritualidade é que, na busca pela reconexão com nosso "Eu" interno, precisamos, com energia e auto-amor, criar rituais diários. Seja qual for a jornada, a disciplina e estes rituais é que nos ajudarão a encontrar este caminho para o nosso centro.

Em vez de simplesmente "cuidar dos afazeres", sem pensar ou prestar atenção, o ritual confere um senso de propósito e presença às nossas ações. Os rituais exaltam nossa consciência, sensibilidade e receptividade.

Você não precisa praticar todos os rituais aqui propostos, mas selecione aqueles dois ou três que você mais aprecia para vivenciar diariamente. Depois de um mês, vá alterando para as outras possibilidades.

## MEDITAÇÃO

A maioria de nós já ouviu dizer que "orar é falar com Deus", mas "meditar é ouvir Deus". Nesse caminho de busca da evolução e purificação, precisamos muito ouvir as ajudas que vêm em resposta aos nossos pe-



didos. Se você anda furioso com a vida ou está ansioso, preocupado, é porque não está ouvindo. Como ouvir no meio de todo o barulho da vida cotidiana?

Pois é! A meditação é aquela parada que a maioria das pessoas pensam ser perda de tempo, mas que nos dá a oportunidade de relaxar a mente e ouvir o que precisamos ouvir para que possamos conduzir nossa vida de uma forma mais lúcida, serena e satisfatória. A meditação é um ritual de cura em si mesma, uma dose diária de luz e consciência.

Quando meditamos, estamos distanciando-nos das preocupações e, sem distra-

ções, criando um espaço de quietude onde poderemos encontrar paz, embasamento, energia, vivacidade e, mais importante, novas respostas. Como praticar?

### SILÊNCIO SAGRADO

Nos dias de hoje, o silêncio constitui-se verdadeira bênção. Esse é um ritual que devemos praticar inúmeras vezes ao longo do dia. Permitir-se ficar alguns momentos em silêncio é uma forma essencial de nos conectar com uma fonte inesgotável de energia.

O verdadeiro silêncio é um ato espiritual, que nos ajuda a perceber como desperdiçamos energia neste mundo com tantas convenções sociais e robotização.

Considero o silêncio o grande nivelador. Ele toma todas as nossas palavras, profundas e vazias, mistura-se e filtra o que não precisamos falar. Quando estamos prontos para falar outra vez, nossa voz soa mais pura, segura e equilibrada.

Assim como os sucos e chás limpam órgãos e tecidos, o silêncio limpa a psique, banhando todos os espaços interiores onde ainda existem gritos, fúria, brados e outros ruídos de baixo calão.

Reserve pelo menos quin-

ze a vinte minutos por dia para desfrutar e exercitar o silêncio.

### CAMINHADA MÁGICA E MEDITATIVA

Eis aqui uma excelente oportunidade de curtir uma experiência ao ar livre, respirando e tomando sol. Quando caminhamos temos a oportunidade de nos energizar, de estimular a liberação de toxinas acelerando o processo de desintoxicação. Trata-se de uma atividade física extremamente salutar.

O objetivo aqui não é correr ou ser um contemplador estático. Há de se imprimir um ritmo, com passadas firmes e conscientes. Nada de conversar enquanto caminha; nada de usar um fone no ouvido; nada de celular; aproveite para observar a natureza, flores, flora e fauna; perceba o chão, a terra, as cores, os aromas e os sons.

Lembre-se de que você tem que transpirar. Para isso são necessários trinta minutos, no mínimo. Durante a caminhada procure refletir seus objetivos de saúde e vida.

*Fonte: TRUCOM, Conceição.  
Alimentação desintoxicante  
– para ativar o sistema imuno-  
lógico. 2. ed. São Paulo: Alaúde  
Editorial, 2004, p. 93 – 99.*



# Madrugada camponesa

*Madrugada camponesa,  
faz escuro ainda no chão,  
mas é preciso plantar.  
A noite já foi mais noite,  
a manhã já vai chegar.*

*Não vale mais a canção  
feita de medo e arremedo  
para enganar solidão.  
Agora vale a verdade  
cantada simples e sempre,  
agora vale a alegria  
que se constroi dia-a-dia  
feita de canto e de pão.*

*Breve há de ser (sinto no ar)  
tempo de trigo maduro.*

*Vai ser tempo de ceifar.  
Já se levantam prodígios,  
chuva azul no milharal,  
estala em flor e feijão,  
um leite novo minando  
no meu longe seringal.  
Madrugada da esperança,  
já é quase tempo de amor.  
Colho um sol que arde no chão,  
lavro a luz dentro da cana,  
minha alma no seu pendão*

*Madrugada camponesa  
Faz escuro (já nem tanto),  
vale a pena trabalhar.  
Faz escuro mas eu canto  
porque a manhã vai chegar.*

Thiago de Mello  
Amazonas, 62,  
Santiado, 63.

# IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.

Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade? (...)

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (...)

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega



a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (...)

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover.

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.

Fonte: KRENAK, Aílton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 11 – 27.

## Palavras de Sabedoria

DALAI LAMA

*Faça o melhor que puder e faça-o de acordo com seu padrão interior próprio (ou consciência, se assim preferir), não para o conhecimento e avaliação de seus atos pela sociedade. “Fazer o melhor” é apenas uma frase de poucas palavras, mas significa que, em todas as ocasiões de nossa vida diária, precisamos manter nossa mente sob controle, para mais tarde não nos arrependermos de nossos erros, mesmo que os outros nada saibam a respeito. Agindo assim, estaremos fazendo o melhor.*





## O PÃO DE CADA DIA

Que o pão encontre na boca  
o abraço de uma canção  
construída no trabalho.  
não a fome fatigada  
De um suor que corre em vão.

Que o pão do dia não chegue  
sabendo a travo de luta  
e a troféu de humilhação.  
Que seja a bênção da flor  
festivamente colhida  
por quem deu ajuda ao chão.

Maís do que flor, seja fruto  
que maduro se oferece,  
sempre ao alcance da mão.  
Da minha e da tua mão.

Thiago de Mello  
Valparaíso,  
Janeiro de 63.

# Poema do Padre Arnaldo para XIV ENA ( São Luís, julho 2001

Ao lado dos oprimidos  
Jesus sempre caminhou  
Unindo o povo sofrido  
Na luta o resgatou

Jesus agiu de verdade  
Derrubando as mesas do Templo  
Chamou de raposa Herodes  
Para mostrar-nos exemplo

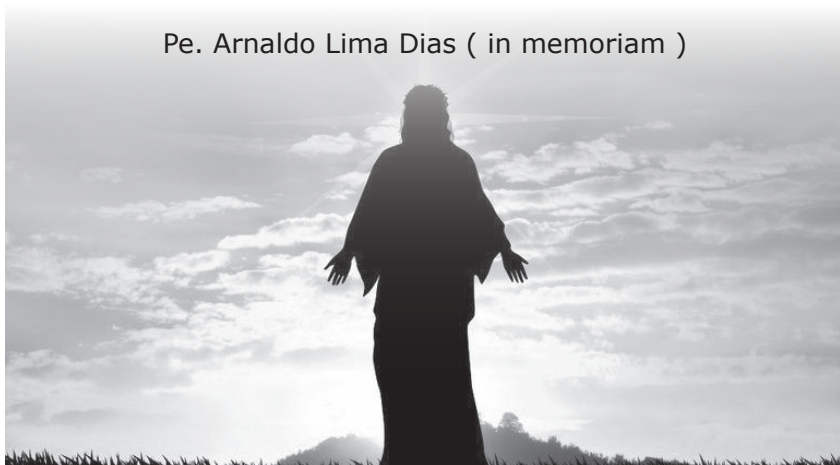
Jesus saiu para a rua  
Abandonou a sacristia  
Foi além do costumeiro  
Fez com o povo a alegria!

As campanhas não resolvem  
O mal que está na raiz  
Somente curando as causas  
O povo será mais feliz

Também houve confusão  
É próprio do ser humano  
Viver a contradição

Também sobre Jesus Cristo  
Houve muito tititi  
A verdade é o Sol  
Que ilumina o Buriti !

Pe. Arnaldo Lima Dias ( in memoriam )



# Pedro, profeta do Araguaia...



**P**edro Casaldáliga Plá nasceu no dia 16 de fevereiro de 1928, na cidade de Balsareny, Barcelona (Espanha). Ingressou na Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria em 1943, sendo ordenado no dia 31 de maio de 1952, em Barcelona. Veio para o Brasil em 1968 para trabalhar como missionário no estado do Mato Grosso, uma região marcada por intensa marginalização social, conflitos agrários e alto nível de analfabetismo.

Em 27 de agosto de 1971 foi nomeado pelo Papa Paulo VI bispo da Diocese Prelazia de São Félix do Araguaia, onde permaneceu como bispo até o ano de 2005. Ao assumir como bispo, Pedro escre-

ve sua primeira Carta Pastoral, intitulada "Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social", denunciando a situação de violência e injustiças sociais em que se encontravam os camponeses, povos indígenas e posseiros da região do Araguaia. A partir de então, ele passou a ser acusado de "agente comunista" por parte dos latifundiários da região.

A palavra profética de Pedro Casaldáliga busca trazer a fé para dentro da vida. Uma espiritualidade encarnada. Pedro era um pastor presente, participando e organizando a luta dos pobres, nas romarias e nas causas da vida do povo. Ele centra sua caminhada na promoção humana e na defesa dos direitos humanos, o

protagonismo das mulheres (por ele chamadas "comadres militantes") na sociedade e na igreja, além de um ferrenho defensor à causa da reforma agrária e da demarcação da terra dos povos indígenas.

Seu lema era "nada pos-suir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar". Sua vida foi marcada pela força da Esperança, na radical opção pelos pobres, vivendo com o povo e como o povo, dispensando os tradicionais trajes eclesiásticos. No lugar do anel de ouro, um anel de tucum...

Na década de 1970, ajudou a fundar o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Por isso, Pedro Casaldáliga enfrentou inúmeras ameaças de morte, sendo a mais grave acontecida no dia 12 de outubro de 1976, que culminou com o assassinato do Pe. João Bosco Burnier. No local do assassinato, dez anos depois, foi construído o Santuário dos Mártires da Caminhada. Durante a ditadura civil militar, sofreu cinco processos de expulsão do Brasil, sendo amparado pelo arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns e o Papa Paulo VI. Durante o pontificado de João Paulo II, as relações com o Vaticano ficam estremecidas, recebendo, também por esta ocasião, apoio de setores da CNBB,

mais alinhados às Conferências Episcopais Latino americanas de Medellín (Colômbia, 1968) e Puebla (México, 1979).

A marcha de Pedro Casaldáliga vai além dos muros da igreja. Pedro nos deixa um legado profético, dialogando permanentemente com a vida e cumprindo a mensagem revolucionária do Evangelho de Jesus de Nazaré, ao proclamar: "Eu fui ungido para trazer boas novas aos empobrecidos e libertar os marginalizados" (Cf. Lucas 4, 16-21).

Um profeta que poetiza a esperança do povo, na marcha romeira sob sol escaldante, caminhante rumo a uma "Terra sem males". Escutemos o profeta em sua poesia:

"Primeiro seja o pão, depois a liberdade. (A liberdade com fome é uma flor sobre um cadáver). Onde há pão, aí está Deus. (...) Deus se faz Pão, trabalho, para o pobre. (...) O universo é nossa mesa, irmãos! (...) Somos família na fração do pão. Só ao partir do pão poderão reconhecer-nos. Sejamos pão, irmãos!". (Poema extraído do livro "Na Procura do Reino", p. 111).

Gratidão, Pedro! Continue nos inspirando na romaria da Terra sem males...

*Jorge Leão é Participante do Movimento Familiar Cristão em São Luís – MA, professor de Filosofia do IFMA.*



*“Amar é perder...  
Muita coisa já perdi...  
Só não quero perder o amor de  
continuar até o fim do lado dos  
que perdem também.”*

Pe. Julio Lancelloti

*“A vida não deve ter utilidade. A vida  
é um dom, ela não pode ser adminis-  
trada. É preciso ver o tempo não como  
uma coisa que se administra, mas  
como uma experiência que se vive.”*

Ailton Krenak  
liderança indígena do Rio Doce / MG



*“Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos.  
Precisamos amar e ser amados. Precisamos de ternura.”*

Papa Francisco: “O Amor é contagioso”, p. 39.



# A FÉ E SUA DIMENSÃO POLÍTICA



A fé é um ato ao lado de outros. Mas é uma atitude que engloba todos os atos, toda a pessoa, o sentimento, a inteligência e as opções de vida. É uma experiência originária do encontro com o Deus vivo. Esse encontro muda a vida e a forma de ver todas as coisas. Pela atitude de fé vemos que tudo está ligado e religado a Deus, como aquele Pai / Mãe que tudo criou, tudo acompanha e tudo atrai para que todos possam viver em comunhão felizes uns com os outros e com ele já aqui neste mundo e plenamente na eternidade.

Nesse sentido, a fé engloba também a política com “P” maiúsculo (política social) e com “p” minúsculo (política partidária). Sempre se pode perguntar: Em que medida a política, seja social, seja partidária, é instrumento para a realização dos bens do reino

como a justiça, a solidariedade e tolerância? Em que medida a política cria as condições para as pessoas se abrirem à cooperação umas com as outras – não se entredesvorando pela competição – e à comunhão com Deus?

A fé não fica apenas como experiência pessoal de encontro com Deus. Ela se traduz concretamente na vida. Ela é como uma bicicleta; possui duas rodas – a roda da religião e a roda da política – mediante as quais se torna fé concreta.

A roda da religião se concretiza pela contemplação, pela oração, pelas celebrações, pela leitura popular da Bíblia, pelas romarias, pelos sacramentos... numa palavra: pelo culto. Muitos reduzem a religião somente a essa roda.

A religião também possui uma segunda roda, a da política; é o seu lado mais prático.

A fé se expressa pela prática da justiça, da solidariedade, da denúncia das opressões, pelo protesto e pela prática da libertação. Como se vê, política aqui é sinônimo de ética. Temos que aprender a nos equilibrar em cima das duas rodas para podermos andar corretamente.

A Bíblia considera a roda da política (ética) como mais importante que a roda da religião institucional (culto; cf. Mt 7, 21-22; 9,13; 12,7; 21, 28-31; Gl 5,6; Tg 2,14). Sem a ética, a fé fica vazia e inoperante. São as práticas e não as prédicas que contam para Deus. Não adianta dizer: "Senhor, Senhor" e com isso organizar toda uma celebração; mais importante é fazer a vontade do Pai que é amor, misericórdia, justiça e perdão, coisas todas práticas, portanto, éticas (cf. Mt 7,21).

A dimensão política da fé mostra, como dissemos, a sua perspectiva ética. Por ética entendemos a dimensão de responsabilidade, a vontade de construir relações de participação e não de exclusão tanto na vida cotidiana e familiar quanto na escola, nos movimentos sociais, nas comunidades cristãs, na sociedade e no poder público. Hoje os problemas gerais das condições de vida e a exclusão de grandes majorias são de natureza social e política, portanto, ética. Então a fé deve mostrar sua força de mobilização e de transformação nesse campo social e político.

*Fonte: Leonardo Boff.  
Crise: oportunidade de crescimento. Campinas:  
Verus, 2002, p. 161 – 163.*

◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊ *Frases para reflexão:* ◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊



*"A Terra não pertence ao homem.  
O homem à Terra pertence."*

*Sabedoria dos  
povos indígenas*